

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA – INHIS
FABIO JÚNIOR DA SILVA
ORIENTADORA: PROFª. MS. SHEILLE SOARES DE FREITAS.

Camudos em

MONOGRAFIA APRESENTADA A BANCA EXAMINADORA DO INSTITUTO
DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA PARA
APROVAÇÃO NA GRADUAÇÃO DE HISTÓRIA.

Cores vivas

UBERLÂNDIA, MARÇO DE 2007.

34/61 2 exs
s. 9 (e)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA – INHIS
FABIO JÚNIOR DA SILVA**

BANCA EXAMINADORA:

PROF^ª. MS. SHEILLE SOARES DE FREITAS:

ORIENTADORA

PROF^ª. JULIANA LEMES INÁCIO

EXAMINADORÁ

PROF^ª. MARIA GISELE PERES

EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS:

Queria agradecer primeiramente à DEUS pela vida. Agradecer também minha família pela paciência, à minha esposa Aliandra pela dedicação e pelo filho lindo que temos. Aos amigos, professores e técnicos da Universidade Federal de Uberlândia e em especial à minha orientadora Sheille que me ajudou a traduzir um sonho em realidade, agradeço os amigos da cidade de Canudos que me receberam com muita hospitalidade.

RESUMO:

Esta monografia compõe um estudo sobre as memórias constituídas sobre a Cidade de Canudos, na Bahia. Em 1897, a cidade foi destruída pelo Exército Brasileiro por ser considerada um reduto anti-republicano e monarquista, comandada pelo religioso Antônio Conselheiro. No entanto, esta cidade foi reconstruída pelos moradores locais, antigos sobreviventes do conflito e articularam suas memórias, no âmbito da linguagem oral, que posteriormente foram apropriadas por diversos movimentos de cunho político, social, cultural e religioso, ressignificando-as e dando uma nova dimensão destas memórias no cenário nacional, a partir da comemoração dos centenários da criação de Canudos e no fim do conflito, respectivamente, em 1993 e 1997.

A proposta deste estudo é compreender como foram articulados estes movimentos, como as universidades da Bahia (UNEB e UFBA), a Igreja Católica, através da Pastoral da Terra, e grupos de trabalhadores rurais sem – terra, (no caso, MST), e demais setores políticos, contribuindo de alguma forma para a historiografia em geral, de modo a trazer para o debate as diversas propostas de apropriação das memórias de Canudos, e como estas foram articuladas dentro de um campo tenso e plural

SUMÁRIO:

- Resumo:.....p. 05.
- Introdução:.....p. 07.
- Capítulo I: As Histórias de Canudos.....p.21.
- Capítulo II: A Reinvenção de Canudos Através de sua Memória: p. 36.
- Conclusão:.....p.65.
- Bibliografia:.....p.66.

INTRODUÇÃO:

Este trabalho se propõe a refletir sobre as produções artísticas e os trabalhos acadêmicos que discutem a memória da cidade de Canudos.

Essas obras influenciam na percepção histórica da Guerra de Canudos e sua conseqüente reconstrução, sugerindo-me discutir até que ponto as políticas culturais interferem no que se vive ou se legitima como memória e história de um lugar. Discutir como essa história é lembrada e reelaborada, que interesses a *revitalizam* hoje e o que é esquecido e/ou silenciado ao longo desse caminho.

A cidade de Canudos, na Bahia foi palco de um dos maiores massacres que a História do Brasil presenciou. Em 1897, o arraial fundado por Antônio Conselheiro, tido como reduto de resistência monarquista e anti-republicana, foi duramente bombardeada e massacrada, numa resistência de moradores contra o Exército nacional, em defesa dos seus ideais religiosos e sociais.¹

Este tema foi escolhido a partir da observação da própria cidade de Canudos, em recente viagem (2004) ao sertão baiano, o que proporcionou uma rica experiência sobre a local, onde os moradores exaltam a história de Canudos através de sua memória, através de depoimentos orais e dos rituais do catolicismo sertanejo, onde a figura de conselheiro e as imagens da guerra são elementos ainda bastante fortes dentro da comunidade canudense.

O que vi, em Canudos, foi um povo engajado em torno de sua memória, seja no bate papo informal, ou na constituição de museus, um parque nacional, bandas musicais, sindicatos, igrejas e demais “monumentos” que trazem á tona toda a vivacidade de sua história e a tentativa de construção de uma memória de seu povo. Valendo investigar como ela é construída e legitimada a tantas gerações.

¹ Conforme pesquisas do historiador Rodrigo Lacerda, que tem como pressuposto de que Canudos foi uma comunidade que pregava uma ordem religiosa messiânica e organizada fora dos ideários republicanos, embora Conselheiro possa ser considerado um sujeito afeito à ordem e aos ditames da Igreja Católica, negava a República por divorciar a Igreja do Estado e não reconhecer o casamento religioso e instaurar o casamento civil, sendo visto como fanático monarquista pela elite militar e intelectual que até então dominava hegemonicamente o poder no Brasil, sendo responsável pelo massacre sertanejo da cidade de Canudos. LACERDA, Rodrigo. Sobrevoando Canudos. In: **Canudos: Palavra de Deus – Sonho da Terra**. ABDALA Jr. B. & ALEXANDRE, Isabel M. M.(organizadores). São Paulo: Ed. SENAC, 1997. p. 21-43.

Mesmo com recursos escassos, a comunidade de Canudos conseguiu articular, ao longo de sua história, em conjunto com universidades e movimentos sociais, uma nova dimensão da memória da cidade, delimitando neste processo uma noção de identidade social e redefinindo práticas sociais e políticas, dando uma valorização desta memória no cenário nacional.

Esta memória é composta por uma diversidade de documentos aos quais tive acesso, por exemplo à poesia popular registrada por José Calasans, folclorista e memorialista dos cantos sobre Canudos². E recentemente os estudos de Fábio Paes, destacando também o trabalho do Padre Enoque de Oliveira, ligado à Pastoral da Terra baiana, e militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, que fizeram da imagem de Antônio Conselheiro um símbolo de luta pela terra e justiça social naquela região.

Estes movimentos religiosos e sociais realizaram diversos trabalhos cuja temática fora a valorização da memória de Canudos, como observei no trabalho recente do historiador Antônio Fernando de Araújo Sá³ e nos folhetins produzidos pelo Instituto Popular Memorial de Canudos e pela Literatura de Cordel registrada pelo historiador José Américo Amorim⁴ em parceria com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Canudos, bem como outros folhetins do Parque Estadual e da Banda de Pifanos de Bendegó, do sertão de Canudos, formando uma variedade de obras sobre as produções culturais materiais e simbólicas de Canudos, valorizando sua memória e, ao mesmo tempo ressignificando esse momento histórico no presente.

Outras fontes que devo destacar são as fotografias que produzi de alguns objetos do Museu Antônio Conselheiro e do Parque Estadual de Canudos, como também de alguns locais da cidade e do Lago de Cocorobó, construído durante a década de 60 na região. Em

² As poesias recolhidas por José Calasans que formam o Cancioneiro Popular de Canudos foram expostas em um documentário *A Guerra de Canudos na Poesia Popular*, publicada em 1952 pela Universidade Federal da Bahia, ao qual não tivemos acesso, mas o tivemos nas poesias que recentemente foram publicadas em artigo do mesmo nome. CALASANS, José. *A Guerra de Canudos na Poesia Popular*. In: **Canudos: Palavra de Deus, Sonho da Terra**. ABDALA Jr. B. & ALEXANDRE, Isabel M. M.(organizadores). São Paulo: Ed. SENAC, 1997. p. 149-160).

³ SÁ, Antônio F. A. **Canudos Plural: Memórias em Confronto nas Comemorações dos Centenários de Canudos (1993 – 1997)**. Texto disponível na página eletrônica: www.infonet.com.br/canudos/canudos_plural.htm, acesso em 20 de Dezembro de 2006.

⁴ José Américo Amorim recolheu diversas composições da literatura de Cordel cujo o tema é Canudos e sua história, e em parceria com o sindicato citado, publicou um registro destas obras para valorização da memória canudense, com forte temática de inconformidade com a situação da política agrária do país. AMORIM, José A. **Canudos: Trincheira da Liberdade**. Canudos: Bahia, 2003.

conjunto com estas fontes, selecionamos o filme Canudos (1997) de Sérgio Resende e algumas entrevistas realizadas por Manoel Neto e Roberto Dantas⁵ com intelectuais que estudam ou estudaram Canudos, tendo como foco a interpretação contemporânea dos centenários de Canudos, que corresponde ao ano de fundação da cidade e do fim da guerra.

Estas produções compõem meu corpus documental, e a partir dele estabeleci um diálogo sobre as memórias construídas em relação a canudos e como estas se valorizaram dentro de um conjunto de esforços para uma nova dimensão das memórias plurais de Canudos no cenário nacional, e mesmo local, fazendo-me perseguir a relação memória-turismo-sobrevivência.

O semi-árido que se inicia ao Norte de Minas Gerais e atinge grande parte dos estados do Nordeste é uma área de intensas secas, exceto pelo período das chuvas. As condições climáticas são difíceis para o sertanejo, conflitando com o litoral, e isso nos faz lembrar da afirmação de Euclides da Cunha de suas impressões e da força do homem do sertão.⁶ Menos romântica do que na obra desse autor e muitas mais dura e disputada por interesses, costumes e práticas sociais.

Em viagem pelo interior da Bahia, em 2004, pude observar que o Sertão ainda é um desconhecido da maioria dos brasileiros. Saindo de Uberlândia (MG), até Patos de Minas (MG) nos deparamos com ambientes quase homogêneos, com grandes plantações e inúmeros bovinos nas áreas de pastagem, já chegando ao norte de Minas, depois de Montes Claros, a vista já não é a mesma, pelo menos em grande parte do ano, a terra é seca, o gado, nem sempre tão majestoso – estamos entrando no sertão desconhecido – muito distante dos jornais e das teses acadêmicas.

Que nessa viagem pude notar sobre o sertão, tanto passando pela cidade turística de Jorro(BA) e Canudos, é que o sertão possui muito mais vida do que a noticiada pelos jornais e artigos. Canudos possui árvores frondosas, mesmo com o clima quente, diferente do semi-árido sem vida e inóspito que acostumamos a ver pela televisão. Uma população que pulsa seja no comércio, no turismo, seja nas estratégias de permanecer e pertencer àquele lugar.

⁵ NETO, M. & DANTAS, Roberto. **Os Intelectuais e Canudos: O Discurso Contemporâneo**. História Oral Temática. Salvador, UNEB, 2001.

⁶ "O sertanejo é antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral." In: CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. São Paulo, Ed. Nova Cultural, 2002. p.63.

Em Canudos, verificamos que a memória local é constantemente evocada, por uma comunidade bastante receptiva aos visitantes, onde os moradores contam as histórias da cidade, que são suas histórias, numa sensação que os acontecimentos que ali ocorreram tivessem sido “ontem”. Esta noção da importância da memória tão cara aos canudenses nos traz o seguinte desafio, de investigar como esta memória se construiu e se reestruturou até os dias de hoje, numa situação marginal do campo das memórias constituídas, ou quem sabe para atender a necessidades delas no presente e sua relação com a sobrevivência dos seus habitantes.

A guerra de Canudos, apresentada nos livros didáticos de história é tida como mais um movimento que ocorreu, retirando toda a potencialidade (resistência, consenso, pertencimento) que compõem essa luta. Pretendo perceber as motivações, os conflitos e modos de viver que se fazem e se reorganizam ao longo das transformações históricas de Canudos e como seus habitantes entendem e usam dessas memórias nos seus viveres hoje.

Pois, em um país em que os acontecimentos são ressignificados pela imprensa ou outros meios de comunicação (como o cinema, livro didático, etc.) como sendo a versão dos fatos, é preciso entremear esse enredo e observar quais outras leituras possíveis desse processo, vendo as tensões, contradições e tramas que se constroem ao experienciar a precariedade de vida e uma trajetória de busca por um lugar.

Ao contrário do que se produziu na historiografia, pelo menos até o anos 60 do século XX, a história do Brasil sempre foi permeada de conflitos e contradições. São inúmeras as revoltas, as resistências dos setores mais populares, até mesmo dentro das instituições militares, que foram duramente reprimidas pela força do Estado, que custaram milhares de vidas e causaram grandes danos materiais e simbólicos na recente história nacional, como reitera Marcos A. Veneu:

Durante longo tempo, a historiografia tratou o processo histórico brasileiro como se fosse uma rua de mão única, com um sentido obrigatório: o da realização de uma espécie de “destino nacional”, que passava por formas sucessivas de organização política e econômica. Os fenômenos que porventura escapassem a esse curso central perdiam por isso a possibilidade de se tornarem inteligíveis; como ruídos que interferissem na música, eram colocados à margem do processo. É o caso dos movimentos sociais rurais que ocorreram no Brasil entre 1870 e 1920. “Existiam” apenas na medida em que eram considerados obstáculos à consolidação da República, ou do progresso: definiam-se pela negativa. Nos últimos anos, esses movimentos vêm atraindo outro tipo de atenção, e motivaram uma série de

trabalhos que procurou levar em conta sua diferença cultural específica, sem reduzi-la aos nossos próprios critérios de construção da realidade⁷.

Com efeito, até a segunda metade do século XX, a história dos movimentos de resistência populares, como o de Canudos, na Bahia, em 1897, da Balaiada, no Maranhão (1938-1841) e Cabanagem, no Grão-Pará (1835-1840), por exemplo, eram desconsiderados dentro da história tradicional, que primava pela postura positivista de que o ofício da história passava pelo crivo da documentação oficial, ou seja, produzida pelo Estado.

No caso específico de Canudos, a historiografia considerou até 1950 a obra de Euclides da Cunha, *Os Sertões*, publicada em 1902, como uma versão definitiva sobre a história da guerra, sobre os sertanejos e os fatos ali ocorridos. Os motivos são claros: primeiro, por ser considerada uma obra de suma importância para a literatura brasileira devido ao trato lingüístico e à erudição que a compõem, e outra: por comportar todo o pensamento positivista que permeava os interesses elitistas na época de sua produção.

Os Sertões, do ponto de vista literário, é considerada uma obra prima, como afirma Mário Maestri:

Os sertões: Campanha de Canudos foi escrita em linguagem performativa. Seu caráter conscientemente cientifizante – recursos à Botânica, à Geologia, à Geografia, à Climatologia, às teorias racistas, etc – apresentava a obra como crítica científica e imparcial dos fatos acima de qualquer discussão. Os magistrais dotes literários do autor; o caráter de depoimento pessoal da obra; seu conteúdo socialmente tranquilizador; sua farta documentação; sua linguagem; a sensibilidade de algumas análises; a pseudo-denúncia dos crimes republicanos contribuíram para que o livro constituísse, por décadas, uma espécie de obra definitiva sobre a gênese de Belo Monte e a guerra de Canudos.⁸

Em 1958, o jornalista ligado ao Partido Comunista, Rui Facó, publicou um artigo intitulado “*A Guerra Camponesa de Canudos*”⁹, vários artigos seus sobre messianismo e bandoleirismo no Nordeste ganharam repercussão nacional. Além deste, a Companhia Editora Nacional editou, em 74, as prédicas de Antônio Conselheiro que foram achadas em Canudos, com 628 páginas, dividido em 04 partes: ensaios marianos, “*Exposição sobre os*

⁷ VENEU, Marcos G. A Cruz e o Barrete: Tempo e História no Conflito de Canudos. **Revista Religião e Sociedade**. Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro, 1985. p. 25.

⁸ MAESTRI, Mario. **Bacamarte versus Comblain: Apontamentos sobre a historiografia da República Sertaneja de Belo Monte**. Artigo retirada da Revista Eletrônica Portfolium: www.portfolium.com.br/artigos acesso de 23 de Dezembro de 2006.

⁹ VENEU, M. G. Opus cit. p. 23..

dez mandamentos da lei de Deus”, a terceira parte, alguns sermões e textos extraídos da Bíblia, e quarta parte, uma “despedida” de Conselheiro aos seus fiéis seguidores.¹⁰

Durante o período da Ditadura Militar no Brasil, a partir de 1964, houve grandes dificuldades em pesquisar o tema, em parte pela repressão a toda ação de intelectuais que significasse um questionamento do poder do Estado, e pela inundação da antiga cidade de Canudos, no represamento do rio Vaza-Barris, em 1969, durante a construção do açude de Cocorobó. *“A construção do açude foi um processo longo e com muitas interrupções. Iniciados os estudos no governo do General Dutra (1946-50), definido o local no segundo governo Vargas (51-54), a obra somente foi concluída em plena Ditadura Militar, em Março de 1969, três meses após a decretação do AI-5.”*¹¹ Que também sugere uma outra investigação até que ponto a inundação do território apaga seus significados e delimita outros lugares de memória (museus, áreas de preservação, etc.).

Após quase dois decênios, a partir de 1986, o volume de água do açude começou a baixar, deixando grande parte da antiga cidade descoberta, gerando novas expectativas por parte de historiadores e acadêmicos, principalmente da Bahia, surgindo então o Projeto Canudos, patrocinado pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB) em 1987, coordenado pelo historiador Renato Ferraz, e que envolveu uma série de pesquisas na área da arqueologia, biologia, história, geologia, dentre outras disciplinas.¹²

Depois destes trabalhos algumas outras publicações foram produzidas sobre Canudos até 1990, mas o tema ganhou especial interesse historiográfico no ano do centenário da Guerra, em 1997, onde foi produzida farta documentação e um filme de lançamento nacional do cineasta Sérgio Rezende, *“Guerra de Canudos”*, o que chamou a atenção da população em geral para o fato que ocorreu há cem anos e que era distante da maioria dos brasileiros.

Atualmente existe uma farta documentação sobre a história de Canudos, contando com mais de duzentas publicações acadêmicas, e quase trinta filmes e documentários¹³. Mas ainda há muito que pesquisar, se levar em consideração que a história enquanto

¹⁰ VENEU, M. G. Op. cit. p. 23.

¹¹ OLAVO, Antônio. O Açude de Cocorobó e a Memória Popular. In: **Memórias Fotográficas de Canudos**. Salvador, CNPQ/ATO, 1989. p. 20.

¹² MELLO, Roberto H. Canudos, uma Tragédia Brasileira. In: **Revista Problemas Brasileiros**. nº 237, fevereiro de 1997. p.03.

¹³ Fonte: Revista digital **Portfolium**, mantida pelo Fotógrafo e memorialista Antônio Olavo: www.portfolium.com.br, acesso em 11 de Setembro de 2006.

conhecimento é sempre um objeto a ser atualizado e revisado à luz das novas concepções sobre o universo social, e mais especificamente, do ponto de vista da memória, as produções sobre Canudos são elementos integrantes no processo de construção e manutenção de sua própria identidade e dos interesses que usam e se formulam a partir dela.

Entretanto, é fundamental compreender que a obra de Euclides tem uma importância crucial na manutenção da memória canudense, pois foi considerado o único testemunho das barbaridades que ali ocorreram durante muito tempo, até que novas propostas historiográficas pudessem revisar o tema¹⁴. Servindo assim para perguntar qual foi o papel dessa obra para se construir uma versão sobre Canudos? Essa memória ainda prevalece na história do lugar entre os moradores?

Estas memórias são constituídas por tensões, disputas sociais que se apresentam na elaboração dos museus, dos documentários, do que se diz nas visitas e principalmente no que os moradores elaboram sobre Canudos. Portanto, toda memória além de ser um olhar sobre o presente é uma interpretação que se faz condizente muito mais com interesses e valores do que em recuperar o que realmente aconteceu. No caso de Os Sertões é a memória escrita por parte da elite militar, cientificista e republicana que dominava o imaginário intelectual de 1900.

Esta postura de reescrever a história se deve em grande parte por outros campos de abordagem historiográfica, dentre elas a fundada por March Bloch e Lucien Febvre, outros pesquisadores da historiografia francesa e inglesa, que problematizaram a visão positivista e racionalista da história, questionando o uso da história e a prática do historiador, uma discussão que ainda não se encerrou, mas que hoje admite a possibilidade de novas versões da história, além de ampliar a possibilidade de compreender a realidade através de novas documentações, como a música, a arte popular, como a literatura de cordel, algo inaceitável com a noção de objetividade e imparcialidade, que são as bases da metodologia positivista, no entanto, para a Nova História, a existência de fonte histórica depende da disposição de sociedades e comunidades para “organizar racionalmente, com as suas memórias, o conhecimento de si mesma”.¹⁵

¹⁴ GALVAO, Walnice N. Cartas de Euclides no Ano da Guerra. In: **Canudos: Palavra de Deus, Sonho da Terra**. São Paulo, Boitempo, 1997. p. 103.

¹⁵ BLOCH, March. **Os reis taumaturgos**. Rio de Janeiro, Cia. das Letras, 1993, p.05.

Essas abordagens historiográficas colocaram o historiador, e ainda o colocam, numa fronteira muito tênue sobre aquilo que é História e aquilo que não é História. A problemática deve ser bem construída, com uma sustentação teórica e metodológica, além de um compromisso com o social. Evitando assim, uma possível banalização da própria História, o que deixaria de legitimá-la enquanto uma das mais importantes e antigas áreas do pensamento humano.

Também contribuíram para o desenvolvimento de novas interpretações da história, o marxismo, que buscou novas possibilidades de interpretar o processo histórico, como por exemplo, na historiografia inglesa, os casos de E. P. Thompson¹⁶ e Richard Hoggart¹⁷, que investiram na análise do cotidiano, vendo que a experiência do sujeito é algo a ser considerada como primordial na construção do processo histórico, saindo da perspectiva ortodoxa marxista e estruturalista.

Nesse sentido, a produção historiográfica é um exercício contínuo de experiências, ainda que carregue resquícios marcantes do positivismo ou de outras abordagens extáticas ou descritivas. Meu trabalho, dentro desta dinâmica, propõe dialogar com estas produções, e ao mesmo tempo, avançar na problemática.

A partir desses debates a discussão sobre Memória e sua relação com a História ficou mais ampla e complexa, através de debates multidisciplinares com a antropologia, a psicologia social, sociologia, antropologia, crítica literária, etc. vêm para a análise histórica elementos importantes como sentimentos, experiências e lutas de grupos sociais. Neste processo, as abordagens que circulam entre Memória e História têm se demonstrado bastante fecundos.

O debate entre a Memória e a História pode ser considerado recente. Desde os primeiros estudos de Maurice Halbwachs¹⁸, até as reflexões de Pierre Nora¹⁹ e Michael

¹⁶ Thompson avançou na abordagem marxista no sentido de dar uma abordagem centrada na experiência do operariado, demonstrando que esta classe não é somente construída com elementos econômicos, mas a partir de uma experiência socialmente construída no cotidiano dos trabalhadores, sua importância histórica dentro do processo de transformação da história, dentre suas obras, destaca-se **A Formação da Classe Operária Inglesa** (São Paulo: Paz e Terra, 1997).

¹⁷ Juntamente com Raymond Williams, formaram os Estudos Culturais na Inglaterra. HOGGART, R. **As utilizações da Cultura: Aspectos da Vida Cultural da Classe Trabalhadora**. Lisboa: Presença, 1973.

¹⁸ HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

¹⁹ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP, Nº 10, p. 12. 1993.

Pollack²⁰, a memória tem ganhado um “lugar especial na história”, e para compreender tal transformação, é necessário que se acompanhe mais de perto esse debate.

Maurice Halbwachs em 1925 iniciou um minucioso trabalho sobre a questão da memória, partindo do pressuposto que as memórias individuais parte da memória coletiva como referência na construção de sua identidade. Carvalho²¹ em recente artigo sobre a construção da memória afirma que Halbwachs já diferenciava a memória coletiva da memória histórica:

A memória coletiva é pautada na continuidade e deve ser vista sempre no plural (memórias coletivas). Ora, justamente porque a memória de um indivíduo ou de um país estão na base da formulação de uma identidade, que a continuidade é vista como característica marcante. A História, por outro lado, encontra-se pautada na síntese dos grandes acontecimentos da história de uma nação, o que para Halbwachs faz das memórias coletivas apenas detalhes.

Nesse sentido, seguindo a afirmação da historiadora, Halbwachs colocava diametralmente opostas as noções de história e memória, pois para ele, o conceito de história estava ligado à história de uma nação, que era constituída por fatos mais relevantes a um conjunto de cidadãos, e que estava muito longe da sensibilidade do sujeito, onde está contida a memória.

Para Pierre Nora, um dos primeiros historiadores a se interessar por esses estudos, já na década de 70, buscou compreender a memória como objeto da história. Todavia, essa memória é pautada numa tradição, uma herança que é constantemente evocada, produzindo significados e segundo Arévalo²², baseada no trabalho de Nora ressalta:

A memória é tida como tradição definidora, portadora de uma herança que dá sentido e forma, é viva e dinâmica. Nora chega a afirmar que ela é “ditatorial e inconsciente de si mesma, organizadora e toda-poderosa, espontaneamente atualizadora, uma memória sem passado que reconduz eternamente a herança, conduzindo o antigamente dos ancestrais ao tempo indiferenciado dos heróis, das origens e dos mitos”, é como se ela, enquanto narrativa, tendesse a cumprir o papel que o mito tem nas sociedades tradicionais, ou seja, fundamentar e organizar.

²⁰ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos**. Vol.2, nº 3, Rio de Janeiro, 1989.

²¹ CARVALHAL, Juliana P. Maurice Halbwachs e a questão da memória. In: **Revista Espaço Acadêmico**, n. 56, janeiro de 2006, p.13.

²² AREVALO, Maria C. M. **Lugares da Memória ou a prática de preservar o invisível através do concreto**. Texto inicialmente apresentado no I Encontro Memorial do Instituto de Ciências humanas e Sociais – Mariana / MG, 9-12 de novembro de 2004. disponível no site: <http://www.anpuh.uepg.br/historia-hoje/vol3n7/marcia.htm>, acesso em 23 de Janeiro de 2007.

Nesse sentido, é importante compreender que os estudos de Halbwachs serviram para compreender a noção de memória individual e memória coletiva, grupal, e sua dinâmica na questão das lembranças individuais, mas Nora, do ponto de vista historiográfico, deu uma importante contribuição para compreender como a memória se coloca nas sociedades modernas.

Nora entende, ainda segundo Arévalo, que a sociedade moderna faz um esforço na busca por sua memória, através da reconstituição de si mesma, numa tentativa de preservar seus vestígios entre o passado e o presente, que se dá através da conservação de seu patrimônio material, como fósseis, monumentos, etc.

No entanto, o autor apresenta a categoria de “lugares da memória” como necessidade do próprio sujeito dentro do contexto da sociedade contemporânea. A memória então, se concentra em pequenos grupos, numa perspectiva da formação de uma identidade social, que lhe sirva de referência para a valorização de si mesmo, são nos grupos “regionais”, ou seja, sexuais, étnicos, comportamentais, de gerações, de gêneros entre outros, que se procura ter acesso a uma memória viva e presente no dia-a-dia.²³

Nora parte da compreensão que os lugares da memória são uma hibridização entre a história e a memória, porquanto a necessidade atual de não se ter apenas memória, algo relegado ao passado, mas de uma memória que reaviva no presente as origens de determinados grupos, atualizando-a dentre de determinados ritos, marcos, de modo a buscar na história a concepção de si mesmo perante o coletivo, numa tentativa de situar o sujeito fragmentado numa sociedade contemporânea.

É a partir de uma tentativa de massificação totalizadora de padrões de comportamentos, sensibilidades e percepções que a sociedade moderna atua, e através desta memória, muitos grupos sociais contrários a esse processo reclamam sua própria história, através da multiplicação de memórias²⁴

Recentemente, os estudos de Michael Pollak, baseados nas considerações de Nora e Halbwachs, têm demonstrado que as memórias são colocadas nas sociedades modernas de modo conflitivo, e amplamente competitivo. Nesse sentido, ele compreende que todo grupo em sociedade produz suas memórias, mas que estas estão organizadas dentro de um espaço

²³ AREVALLO, Maria. C.M. **Opus cit.**

²⁴ AREVALLO, Maria C. M. **Op. cit.**

conflituoso, entre a memória oficial, construída pelos grupos de detêm o poder e as memórias marginalizadas, subterrâneas, que ficam a margem desse processo, delimitando uma “produção de silêncio”.

Embora na maioria das vezes esteja ligada a fenômenos de dominação, a clivagem entre memória oficial e dominante e memórias subterrâneas, assim como a significação do silêncio sobre o passado, não remete forçosamente à oposição entre Estado dominador e sociedade civil. Encontramos com mais frequência esse problema nas relações entre grupos minoritários e sociedade englobante.

Nesse aspecto, podemos compreender que os pequenos grupos de produzem seus significados através de suas memórias são soterradas pelo excesso de discurso oficial, que as transforma em memórias marginalizadas, criando uma fronteira entre o dito e o não dito, entre as memórias de grupos sociais e a memória do Estado, e que esses grupos podem esperar longos períodos para que suas memórias estabeleçam um lugar no espaço público.

Mesmo relegadas ao silêncio, estas memórias marginalizadas compartilham no grupo, aquilo que eles têm em comum, criando laços de percepção e afetividade, numa tentativa de definir e delimitar o pertencimento e a referência de cada sujeito a determinados grupos, como sindicatos, igrejas, cidades ou tribos, lembrando que o material de que esta memória busca para sua sobrevivência é fornecido pela história.

Dentro das sociedades globalizadas, são pertinentes as afirmações de Pollak, uma vez que tanto a memória e a história oficial vem através de um totalitarismo midiático permanecer com seus significados em evidência, gerando submissões consentidas, e levando as memórias das minorias a uma marginalização do espaço público, retomando carvalhal:

O processo de globalização recorrente, por exemplo, é parte indissociável do que agora molda o homem que procura compreender seu tempo, seu passado. Também aí se insere a luta empreendida pelos diversos movimentos sociais no intuito de alargar o conceito de cidadania no interior da sociedade e nas relações de poder que permeiam a atividade humana. Ambos os processos reclamam a questão da identidade, seja ela de minorias, seja do ponto de vista da nação. Daí o discurso de “memória” alcançar tamanho significado nos dias de hoje.²⁵

²⁵CARVALHAL, Maria C. M. **Op. cit.**

Partindo das concepções de Pollack, podemos dialogar com a memória de Canudos que foi marginalizada por uma concepção oficial sobre a cidade e sua história, baseada na obra de Euclides da Cunha e todo o racionalismo científico que esteve direcionando as produções acadêmicas por um longo período de tempo, por este motivo, compreendemos o resgate da memória popular de Canudos é atual no sentido de desmistificar a falsa concepção que construíram sobre as comunidades sertanejas e colocar Canudos no eixo do debate historiográfico, como ponto de referência para outras memórias marginalizadas do Brasil.

Segundo Fábio Paes, fontes como a música e a poesia são imprescindíveis na manutenção da memória desta comunidade, de uma sociedade, possibilitando a reconstrução histórica das mesmas:

A memória articula-se formalmente e duradouramente na vida social mediante a linguagem. Pela memória as pessoas que se ausentaram fazem-se presentes. Com o passar das gerações e das estações esse processo "cai" no inconsciente lingüístico, reafirmando sempre que faz uso da palavra que evoca e invoca. E a linguagem que permite conservar e reavivar a imagem que cada geração tem das anteriores. Memória e palavra, no fundo inseparáveis, são condições de possibilidade de tempo reversível.²⁶

Dentro deste debate, as memórias se articulam no espaço plural, sendo articuladas através de uma série de procedimentos sociais e culturais, sendo a linguagem um de seus instrumentos, sugerindo uma diversidade de apropriações e ressignificações, por parte dos diversos grupos que as disputam, demonstrando que o campo de lutas pelas memórias é um campo plural e contraditório.

Tendo como objeto de estudo a cidade de Canudos, ao longo de sua trajetória histórica se percebem basicamente dois tipos de memória: uma de caráter regional, de tradição predominantemente popular, que sobreviveu ao tempo e as tragédias da guerra e da miséria do sertão nordestino formada por elementos como músicas religiosas, típicas do catolicismo sertanejo, a literatura de cordel e a tradição oral sobre os acontecimentos da guerra e sua posterior rearticulação. E, outra, produzida especificamente por intelectuais, como historiadores, literatos, arqueólogos e uma diversidade de cientistas, que produziram

²⁶ PAES, Fábio. O Resgate dos Aspectos Culturais da História de Canudos Através da Música e Poesia Populares. In: **Revista Contraponto**. UCSAL, novembro de 1998.

um conhecimento 'técnico' e especializado sobre a guerra de canudos e sua sobrevivência na História. O que me faz questionar até que ponto essas memórias se cruzam, ou mesmo onde se silenciam, o que exaltam e por que, ou seja, investigar o como se fazem memórias.

Presencialmente, ouvindo os moradores de Canudos, pude ver o quanto sua história lhes importa, o quanto a memória é viva e se propõe como formadora da identidade dos sertanejos, essa relação entre memória e sujeitos está latente nas conversas, nos bares, nas reuniões com acadêmicos, reforçando que eles são sujeitos de suas histórias²⁷.

Pelo contrário do que foi estabelecido durante a investigação de Euclides da Cunha, quando analisa o sertanejo como "selvagem", "primitivo", "sub-raça" com forte inspiração positivista, a cultura como entendemos é estabelecida a partir de grupos sociais, que constroem suas práticas e relações.

A cultura popular em que a memória canudense foi construída, apesar de recente, se comparada com outros períodos históricos, é difícil de ser mapeada, pois está longe de oferecer uma singularidade²⁸. Sua complexidade comporta na própria experiência dos moradores locais, nas festas dos santos e nas poesias de cordel, e oferece uma imagem de Canudos, embora questionável, mas que preserva no seu cerne uma fonte rica de sua história.

A memória de Canudos construída a partir de seus próprios sujeitos históricos tem a função de delimitar seu espaço na História? Busca uma identidade sobre a comunidade? Ou seria um veículo de suporte para a sobrevivência não só da memória, mas financeira do lugar?

A proposta deste trabalho é refletir sobre a construção de memórias sobre Canudos. Será dividido em dois capítulos: o primeiro terá uma abordagem sobre a história de Canudos, versões dessa história e como ela é construída e partilhada nos dias atuais com a população canudense. O segundo, é uma reflexão sobre as produções artísticas e

²⁷Essa é a impressão que tive ao fazer a visita à Canudos, em conversas com moradores, comerciantes e a população que tive contato.

²⁸ Mesmo que hajam territórios comuns entre estas pessoas, como a terra, o modo de vida, etc. é importante destacar que os sujeitos utilizam esta memória e remetem ao lugar social que ocupam na cidade são perspectivas plurais, fazendo da memória também um espaço plural. Por isso, perceber a memória como espaço homogêneo pode criar barreiras que limitem a investigação das fronteiras desta memória e da diversidade das percepções e modo de viver.

intelectuais enquanto formadoras da memória da cidade, observando até que ponto constroem uma visão diferente ou legitimam a já existente.

A experiência que tive, visitando a cidade e conversando com seus diversos habitantes, dá-me a dimensão dos trabalhos de Fábio Paes e José Calasans, nos registros sobre a memória popular de Canudos, e conseqüentemente nos demais trabalhos que serão abordados, como o trabalho de Antônio Araújo Sá²⁹, sobre o confronto de memórias em Canudos durante o centenário da Guerra, e de Manoel Neto³⁰, sobre os discurso acadêmico e o filme Canudos, que são referências imprescindíveis para a reflexão aqui proposta.

Assim, no processo interpretativo, propomos refletir sobre a construção de memórias sobre Canudos e como os modos de viver das pessoas se organizam ou se tensionam com essas memórias, permeando silêncios e descontinuidades da história contada, valorizando o vivido e significado pelos moradores.

²⁹ SÁ, Antônio F. A. de. Canudos Plural: Memórias em Confronto nas Comemorações dos centenários de Canudos (1993/1997). In: **Revista de Pós-Graduação em História da UNB**. Brasília: Departamento de História, UNB, 1998. p.19-50.

³⁰ NETO, Manoel. DANTAS, Roberto. **Os Intelectuais e Canudos**. O Discurso Contemporâneo: História Oral e Temática. Salvador: UNEB, 2001.

CAPÍTULO I:

HISTÓRIAS SOBRE CANUDOS

A história de Canudos deve ser entendida como parte de um contexto histórico nacional bastante heterogêneo. O Brasil durante o século XIX e início do XX passou por muitos conflitos e insurreições, além de constantes instabilidades no cenário político, compondo um quadro bastante contraditório e ambíguo.

Em 1810, após a instalação da Corte portuguesa no Rio de Janeiro, o Brasil passou por constantes modificações em sua política. No decorrer do século XIX o país passou por várias insurreições, tanto de caráter popular ou dos chamados liberais, que resultaram em conflitos sangrentos e inúmeras perdas humanas. No período de 1830 a 1920 foi um dos períodos mais conturbados da história brasileira, e tais conflitos ocorriam devido a vários fatores, dentre eles: as péssimas condições de vida das camadas populares, o excesso de impostos, a centralização do poder pela família imperial e as disputas pelos partidos e grupos políticos.³¹

Na capital baiana, Salvador, no final do século XIX, o cenário político era de uma conflituosa relação entre grupos de disputa pelo poder, refletindo o cenário nacional da recém – criada República.

Durante o Período Regencial (1831-1840) foram várias as insurreições: a Cabanagem, no Grão-Pará, a Sabinada (1837-1838), a Balaiada (1838-1941) e a Revolução Farroupilha (1835-1845) e vários movimentos contra a monarquia portuguesa no Brasil aparecem envolvendo grupos políticos, em grande parte com apoio popular, conforme aparecem nas obras esses movimentos buscavam modificar a atual situação nacional, e decidem desafiar o poder monárquico e propor mudanças condizentes com os seus interesses.

³¹ MELLO, Roberto H. **Canudos, uma Tragédia Brasileira**. Texto disponível na Revista Eletrônica Portfolium: www.Portfolium.com.br/artigos, acesso em 19 de Outubro de 2006.

Esta agitação ganha expressão durante os primeiros anos da República, em 1889, como afirma Rodrigo Lacerda:

A passagem do regime monárquico para o republicano foi um momento propício para que alguns projetos de sociedade alternativos e minoritários ganhassem expressão. Essa efervescência estava indiretamente ligada à concessão de maior autonomia nos Estados, dada pela nova Constituição, e à ruptura dos equilíbrios políticos regionais que existiam durante o império. Com o novo sistema eleitoral, de voto não obrigatório e não secreto, as oligarquias de cada Estado viram-se obrigadas a redefinir seu jogo de forças, não apenas no sentido de substituição no poder, mas inclusive redefinindo o perfil dos poderosos. Também a reforma do sistema fiscal contribuiu para essa rearrumação das forças políticas no interior dos Estados. Com a República, uma parcela maior de impostos foi revertida aos municípios. Estes em contrapartida ficaram encarregados de proceder à arrecadação de forma direta, para a tristeza dos contribuintes espalhados pelas regiões pobres. A ampliação da parte dos impostos atribuída aos municípios, somada às novas responsabilidades arrecadadoras das oligarquias municipais, e mais a desigualdade social, a precariedade dos instrumentos democráticos, a virtual inexistência de serviços sociais, contribuíram decisivamente para o fortalecimento daquilo que se convencionou a chamar de "coronelismo".³²

Esta afirmação nos permite compreender como o coronelismo se articulou dentro de uma disputa pela hegemonia e pelo poder, principalmente em regiões onde o poder da República pouco representava, como no caso do sertão nordestino e em outras regiões do Brasil.

Entretanto, existiram movimentos de caráter eminentemente populares, que divergiam da atual configuração social e buscavam novas propostas de articulação social, vinculados a forte sentimento religioso. Esses movimentos são chamados *messiânicos* ou *movimentos religiosos rurais*.³³ Estes movimentos podem ser observados em algumas regiões como em Canudos, Juazeiro e Contestado.

Segundo Lisias Nogueira Negrão, os movimentos messiânicos foram criados em regiões onde a miséria assume dimensões insuportáveis, em geral nas zonas rurais, em que líderes religiosos intervêm nas comunidades com ideologias ligadas à inconformidade social e a crença nos símbolos da salvação pela fé católica e religiosidade popular:

³²LACERDA, Rodrigo. Sobrevoando Canudos. In: **Canudos: Palavra de Deus – Sonho da Terra**. São Paulo: Editora SENAC, 1997. p. 21-22.

³³ GIUMBELLI, Emerson. **Religião e (Des)Ordem Social: Contestado, Juazeiro e Canudos nos Estudos Sociológicos sobre Movimentos Religiosos**. Dados [online]: 1997, vol. 40, nº 2. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581997000200004&lng=en&nrm=isso, acesso em: 09 de nov. 2006.

Como conceitos abrangentes e genéricos, messianismo e movimento messiânico são necessariamente típico-ideais, no sentido de se referir à realidade observável, mas não a reproduzirem ou esgotarem. (...) o primeiro deles diz respeito à crença em um salvador, o próprio Deus ou seu emissário, e à expectativa de sua chegada, que porá fim à ordem presente, tida como iníqua ou opressiva, e instaurará uma nova era de virtude e justiça; o segundo refere-se à atuação coletiva (por parte de um povo em sua totalidade, ou de um segmento de porte variável de uma sociedade qualquer) no sentido de concretizar a ordem ansiada, sob a condução de um líder de virtudes carismáticas.³⁴

O messianismo, o forte apelo religioso do povo, em determinadas ocasiões tornaram-se estratégias e possibilidades de saírem da miséria em que viviam, proporcionada pelo descaso das esferas públicas que governavam o Brasil, e em alguns casos, torna-se um instrumento de luta pela sobrevivência.

Todavia, os movimentos messiânicos no Brasil do século XIX, segundo Negrão³⁵, são majoritariamente rurais ou sertanejos de forte apelo religioso, embora esteja longe de se submeter ao poder da Igreja, e que se opõe à oligarquia coronelista, a exemplo, o movimento religioso de Juazeiro do Norte (1872-1879), no Ceará, onde Padre Cícero Romão Batista, o “*Padim-Ciço*”, reúne milhares de pessoas para fugir do flagelo da seca; o movimento de Contestado, que surgiu em 1890, pelo monge *João Maria*, contra os coronéis no sertão catarinense; e finalmente Canudos, no sertão Baiano, movimento fundado por Antônio Vicente Mendes Maciel, o *Antonio Conselheiro*, em 1893.

Embora a definição de messianismo seja um conceito que definem estes movimentos, estes possuem suas diferenças, suas referências regionais e locais, embora as lutas sejam plurais, a tendência religiosa que regulam estas experiências contraditórias é marcante.

Entretanto, para Denise Pôncio, os movimentos messiânicos surgiram do contato com a Igreja, e dela se desvincularam procurando assumir uma postura mais prática perante as dificuldades sociais, climáticas e econômicas existentes:

No Nordeste, a disseminação centralizante da fé propiciou o contato dos funcionários da Igreja com uma outra visão de mundo distante da metafísica dos seminários, suscitando um posicionamento muito mais próximo das tendências autonomistas voltadas para a vida prática da concepção de mundo do catolicismo popular, determinada pela tendência de auto-gestão, suscitando um questionamento ideológico, uma crise de hegemonia e o conseqüente surgimento da ideologia

³⁴

³⁵ NEGRÃO, Lísias N. Revisitando o Messianismo no Brasil e Profetizando seu Futuro. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol.16 n° 46, RBCS, 2001. p.119.

dominada. A religião deixou de ser uma forma de representação. Transformou-se numa ação sobre o mundo onde o evangelho foi tomado como um guia, para a edificação de uma nova vida, pautada no trabalho, respeito, boa convivência, humildade e equilíbrio de conduta.³⁶

A partir desta assertiva, podemos compreender que o messianismo no Brasil, mesmo assumindo as crenças da Igreja, dela se desvinculou por acrescentar determinados valores de insubordinação frente aos poderes instituídos, representando um conjunto de significados religiosos aliados às práticas sociais de luta por melhores condições de vida.

No caso de Canudos, a comunidade de Antônio Conselheiro, tinha forte influência do *sebastianismo*³⁷ que, contrariando a nova República, funda a comunidade de Bello Monte, para fugir da seca do Nordeste e da nova ordem da República que desagradava Conselheiro, principalmente no que concernia a cobrança de impostos, justificando que a população, que já estava submetida a condições miseráveis, perdesse o pouco que possuía de bens, como terras e gado, enriquecendo ainda mais a elite local³⁸.

Mas para entender como Canudos foi criada, faz-se necessário regressar, historicizar a vida de Antônio Conselheiro, e quais suas motivações para criar a cidade de Canudos. A primeira fonte que se refere a Antonio Vicente Mendes Maciel, é a obra de Euclides da Cunha, *Os Sertões*.

Euclides da Cunha recolhe diversos depoimentos dos sertanejos, e reconstrói sua trajetória: Ainda jovem, Antônio Mendes Maciel deixa sua casa em Quixeramobim, e após um período de vinte anos de sua vida, demonstra em 1858, uma reviravolta no seu caráter, principalmente após vários desentendimentos com sua esposa (que o cobre de “vergonha”) rompe o casamento e passa a ter uma vida solitária, passando por diversas vilas e profissões. Tendo passado dez anos destes fatos, surge a figura do Conselheiro: “.... *E surgia na Bahia, um anacoreta sombrio, cabelos crescidos até os ombros, barba inculta e longa; face encaveirada; olhar fulgurante, monstruoso; dentro de um hábito de brim azul*

³⁶12 PONCIO, Denise Santos. **Historicizando Canudos**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense. 2004.

³⁷Crença do catolicismo popular de que D. Sebastião, rei de Portugal, no século XVI, que foi morto na Batalha de Alcácer-Quibir, onde difundida a crença que D. Sebastião não morrera, mas voltaria para resgatar a coroa e a glória da Monarquia Portuguesa. Ver: FONTANA, Mônica. **Sebastianismo em Pernambuco, Memória dos Movimentos da Serra do Rodeador e Pedra do Reino**. Pernambuco: CESBAM. 2005.

³⁸13 VENTURA, Roberto. Canudos como cidade iletrada: Euclides da Cunha na urbs monstruosa. In: **Revista de Antropologia**. São Paulo, vol.40, nº1, 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003477011997000100006&lng=es&nrm=isso, acesso em: 09 nov. 2006.

*americano; abordado de um clássico bastão em que se apóia os passos tardos dos peregrinos.....”*³⁹

Embora Euclides da Cunha faça menções pouco elogiosas de Conselheiro, como se pode notar no seu subcapítulo “Como se nasce um Monstro”⁴⁰, ele consegue restituir a memória de Antônio Maciel, e traçar sua trajetória em busca de um local para que possa fundar sua comunidade independente das leis republicanas, que abominava, e pregar sobre o Apocalipse e a salvação dos sertanejos. Vagando por inúmeras vilas e cidades, no Sertão de Pernambuco, Sergipe e Ceará, como também, Itabaiana, Curaçá, Chorrochó, mas foi em Itapicuru, conforme relato de Euclides da Cunha que teve seu primeiro conflito com a Igreja local, em 1887:

Chegando ao nosso conhecimento que, pelas freguesias do centro deste arcebispado, anda um individuo denominado Antônio Conselheiro, pregando ao povo, que se reúne para ouvi-lo, doutrinas supersticiosas e uma moral excessivamente rígida com que está perturbando as consciências e enfraquecendo, não pouco, a autoridade dos párocos destes lugares, ordenamos a V. Rev.ma, que não consinta em sua freguesia semelhante abuso, fazendo saber aos paroquianos que lhes proibimos, absolutamente, de se reunirem para ouvir tal pregação, visto como, competindo na Igreja católica, somente aos ministros da religião, a missão santa de doutrinar os novos, um secular, quem quer que ele seja, ainda quando muito instruído e virtuoso. Não tem autoridade para exercê-lo.⁴¹

A pregação de Conselheiro veio a desagradar as elites regionais, cujos seguidores vendiam tudo e seguiam o monge, suas pregações eram acompanhadas por multidões, e sempre rodeado de homens armados, conforme a descrição de um telegrama de um vigário de Inhambupe:

O tal Antônio Conselheiro ainda anda em roda das freguesias de Inhambupe, Aporá e Itapicuru, continuando sempre o seu plano de ataque à religião Catholica de Roma e à moralidade. O pobre infeliz rodeado de mais de centocinquenta homens armados, pretende sustentar por força o mal que fez, constringindo assim os catholicos incautos a ouvirem suas perversas doutrinas, assaltando como um ladrão e bandido, os lugares onde pensa fazer alguma conquista e ingrandecer por esse modo o seu séquito criminoso. Senhor o tal homem, procede de tal forma, que fascina, attrahe, seduz os pobres ignorantes a segui-lo, ficando assim, não somente a religião Catholica Romana, que é também a do Estado, opprimida; mas a vida dos cidadãos compromethida e atacada, pois elles Antônio Conselheiro e seus bravos ameaçam de morte todos que tem a ousadia de resistir ou obstar os planos diabólicos do novo herético, o herege foribundo e ferino – Os sacerdotes, parochos,

³⁹CUNHA, Euclides. **Op. cit.**, p.303.

⁴⁰ VENTURA, R. **Op. cit.** p.20.

⁴¹CUNHA, Euclides. **Op. cit.**, p.30.

que tem zelo e pretendem espelir de suas freguesias o tal energúmeno chefe de horrorosa quadrilha de ladrões e assassinos, vem-se perseguidos, atacados, ameaçados de morte, tal forma que as autoridades locais, sem as forças precisas para repelir tanto mal, são obrigadas a presenciar as mais horripilantes tragédias - ...Senhor as coisas andam de tal forma que não é mais possível ellas continuarem assim, e se do alto não vierem providencias enérgicas, não somente a religião Catholica terá muito a sofrer, mas a sociedade haverá danos.⁴²

É importante destacar que este trecho retirado de uma carta de um padre local ao Arcebispo de Salvador demonstra que a preocupação da Igreja era em não perder terreno para Conselheiro, e assim, perder também o poder que exercia na região, e atacava diretamente as atitudes de Conselheiro, tidas como “heréticas”, pois os eclesiásticos locais temiam uma migração dos fiéis para o grupo de Conselheiro, e também um levante social que poderia abalar o poder da Igreja Católica e da elite local.

Antonio Conselheiro fundou o arraial de Bello Monte em 1893, nas margens do rio Vaza-Barris, dando início a uma sequência de peregrinações de fiéis e jagunços, que deixavam as fazendas e vilarejos vizinhos para se aliarem à figura carismática e profética do monge, desagradando aos fazendeiros e os representantes da Igreja, que acionaram ao Governo da Bahia para mandar reforços policiais frente ao conflito que se evidenciava.

Os fazendeiros da região, também começaram a pressionar os poderes locais e estaduais para conter o crescente abandono de suas terras por parte de seus empregados para seguir na peregrinação com Conselheiro, e se uniram aos representantes da igreja no intuito de impedir a expansão do movimento, pedindo às autoridades da Bahia força policial para contê-los.⁴³

Ao contrário do que o vigário de Inhambupe denunciava, existem evidências⁴⁴ de que os seguidores de Conselheiro não eram violentos ou desordeiros, pois por onde o pregador passava, ele reunia a população local nas reformas de igrejas e cemitérios, além de não criticar a postura secular da Igreja Católica, visto que era um adepto de seus dogmas, embora aceitasse que fosse acompanhado de homens armados, alegando o ataque que sofrera em Macete, conforme declarou ao Frei Antônio Evangelista:

⁴² Texto transcrito literalmente, com a língua portuguesa corrente na época. In: **Arquivo da Cúria Metropolitana de Salvador** (ACMS), Arquivo de microfímes do CEEC – UNEB. Correspondência do Padre Júlio Fiorentini ao Arcebispo da Bahia – Inhambupe. 24/10/1886.

⁴³ PONCIO, Denise S. **Op. cit.** p.11.

⁴⁴ Segundo Maetri: a pregação de Antonio Conselheiro incitava somente o ascetismo e o comunismo dos bens em favor dos mais pobres, buscando uma vida pacífica perante o mundo, embora se utilizavam armas para se defenderem. In: MAESTRI, Mario. **O Sertão Prometido: O massacre de Canudos**. Texto disponível na Revista Eletrônica Portfolium: www.portfolium.com.br/artigos, acesso em 13 de Dezembro de 2006.

“V. Revm há de saber que a policia atacou-me e, quis matar-me no lugar chamado Maceté, houve mortes de um lado e do outro, no tempo da Monarchia deixei-me prender, porque reconhecia o Governo; hoje não, porque não reconheço a Republica – eu não desarmo minha gente – mas não estorvo a Sta. Missão”.⁴⁵

Antonio Mendes Maciel não reconheceu a República como principal motivo de que a nova forma de governo desvinculava a Igreja do poder central, e oficializava o casamento civil em separado do religioso. Estes eram valores extremamente sagrados para Conselheiro, adepto aos dogmas clássicos do catolicismo romano, e via na República a desordem e o caos, porque desvinculava Deus das decisões políticas. Havia, neste sentido, um motivo religioso para contestar a República, por ser um estado laico, divorciado do poder da Igreja (entende-se de Deus). Além disso, cabe um incômodo será que os motivos de Conselheiro eram os mesmos de seus seguidores? Haveria outras motivações?

Euclides da Cunha atribuiu o início da contenda como uma malfadada negociação de madeira em Juazeiro, na Bahia, em 1896, onde o representante da comarca foi coagido por representantes de Conselheiro a abandonar rapidamente a cidade, sendo o estopim para um conflito armado com as forças policiais baianas. Neste momento, a imprensa, já com a tecnologia do telégrafo, distribuía notícias sobre as forças conselheiristas a todas capitais brasileiras, e em parte, fora responsável pela formação da representação de Canudos como resistência anti-republicana que desafiava os poderes progressistas nacionais.⁴⁶

O governo estadual mandou cerca de cem praças, que buscavam acabar com o bando de conselheiro, mas foram surpreendidas pelos jagunços de Conselheiro em Uauá, e debandaram numa derrota vergonhosa para as autoridades, que foi noticiada para o restante do Brasil pelo telégrafo e a imprensa escrita.

Ainda segundo a narrativa de Euclides, a segunda expedição militar contou com 962 soldados, dos Batalhões da Bahia, Alagoas e Sergipe, além de forte armamento e farta munição, dois canhões de guerra *Krupp* e três metralhadoras *Nordefelt*. A batalha se deu em Janeiro de 1897, com inúmeras baixas do Exército e dos conselheiristas, mas com imensas dificuldades de se deslocar no terreno árido, a tropa teve que bater em retirada.

⁴⁵ RELATÓRIO apresentado pelo Frei João Evangelista de Monte Marciano ao Arcebispo da Bahia sobre Antônio Conselheiro e seu séquito no Arraial de Canudos. 1895 – Publicação da UFBA nº. 130, 1987. p.4-5.

⁴⁶ LACERDA, Rodrigo. **Op. cit.**, p.30.

Após a derrota da segunda expedição, os militares passam a ver no “barbarismo” de Conselheiro não somente um obstáculo, mas uma forte oposição à ordem e ao progresso, espalhando boatos de que Canudos seria uma forma de conspiração monarquista, e se fazia necessário exterminar os “bárbaros monarquistas”, que deveriam ser extirpados para eliminar o “atraso”, o qual o Brasil passava.⁴⁷

A tropa de conselheiristas ampliava suas vantagens sobre o inimigo graças ao conhecimento íntimo que jagunços e cangaceiros tinham do sertão, e que utilizavam a hostilidade do ambiente e como trunfo para derrotar o inimigo que pouco sabia de sobrevivência num ambiente inóspito como o semi-árido nordestino, como afirma Leonardis:

O exército de Antônio Conselheiro, orientado por guias de muita prática – jagunços e cangaceiros, conhecedores dos segredos daquela natureza surpreendente – atacava como fantasma, sem jamais se deixar avistar, certos em seus tiros, acostumado a poupar tudo, inclusive armas e munição. Por incrível que pareça, em três ocasiões consecutivas, aliando-se ao sertão hostil, os seguidores maltrapilhos do Conselheiro derrotaram as tropas do Exército, legando-lhes não apenas a experiência da pobreza, o calor, a sede, a fome, mas também o desespero da derrota. Aquela que sempre estiveram acostumados os sertanejos: a derrota ante a pobreza, a seca, a autoridade, o esquecimento dos poderes públicos que não deu satisfações a ninguém.⁴⁸

O conhecimento do terreno era uma estratégia fundamental para os conselheiristas, e que deu alguma vantagem diante do aparelhado regimento de soldados, que sempre eram surpreendidos nas “tocaías”, e que desgastavam-nos em munições e homens, tendo por fim, quase sempre, em debandada geral.

Outro fator importante que não foi observado pelos coronéis do Exército, mas largamente utilizado pelos moradores do sertão, era a vestimenta de couro bovino ou caprino curtido, pois as plantas espinhosas feriam profundamente, e tais vestimentas evitavam que o sertanejo se ferisse, onde o “seu aspecto recorda, vagamente, à primeira vista, o de guerreiro antigo exausto da refrega. As vestes são uma armadura. Envolto no gibão de couro curtido, de bode ou de vaqueta; apertado no colete também de couro; calçando as pemeiras, de couro curtido ainda, muito justas, cosidas às pernas e subindo até as virilhas, articuladas em joelheiras de sola; e resguardados os pés e as mãos pelas luvas e

⁴⁷ VENEU, Marcos. **Op. cit.**, p.25.

⁴⁸ LEONARDIS, Bárbara. Messianismo na Caatinga. In: **Canudos: Palavra de Deus, Sonho da Terra**. São Paulo: Ed. SENAC, 1997. p.52.

guarda-pés de pele de veado — é como a forma grosseira de um campeador medieval desgarrado em nosso tempo.”⁴⁹

As fardas da tropa republicana eram de brim, o que rasgava facilmente ante os espinhos do sertão, e muitos voltavam feridos e com as roupas em andrajos, o que dava um aspecto ainda mais aterrador das derrotas ante os conselheiristas. Conforme pode ser visto na foto 01 que traz a réplica utilizada no filme Canudos.



Foto 01: Réplicas das vestimentas utilizadas por Antônio Conselheiro e pelos militares, respectivamente, utilizadas nas filmagens do Longa – metragem “Canudos” de Sérgio Resende, em 1997. Museu Antônio Conselheiro, Canudos, 2002. Acervo do autor. 2004

A terceira expedição foi organizada logo em seguida, em fevereiro de 1897, e consegue chegar aos arredores da vila de Canudos, e bombardeá-la com canhões. Dirigida pelo coronel Moreira César, a tropa é constantemente emboscada pelos moradores do arraial, resultando em inúmeras baixas, tendo o exército que sair de Canudos em debandada, o que envergonha ainda mais as forças policiais.

⁴⁹ CUNHA, Euclides. **Op. cit.**, p. 66.

Em Abril de 1897, a quarta expedição é formada, bem maior que todas as outras já organizadas, contando com uma tropa formada por dezessete Estados. As tropas são compostas por seis brigadas, divididas em duas colunas, sendo uma com mais de três mil e quatrocentos homens, doze canhões *Krupp* e um canhão *Withwort*.

A segunda coluna era formada por uma força policial de quatrocentos jagunços recrutados no interior do Estado, mais de dois mil homens e quinhentas mulheres. A Marinha nacional também entra na guerra, uma questão de honra para os exaltados republicanos, e aporta em Salvador cinco navios de guerra, com suas tropas.

Em junho de 1897, a segunda coluna sofre vários ataques, e após algumas semanas, a tropa encurralada e quase sem munição, parte para o encontro com a primeira coluna, pois estavam encurralados por conselheiristas, e tal feito salva de mais uma derrota.

Em Julho de 1897, o general Arthur Oscar manda uma mensagem para o governo federal pedindo o reforço de cinco mil homens, narrando as extremas dificuldades encontradas no sertão e as baixas que chegavam quase a dois mil homens. Em Agosto, parte de Monte Santo uma tropa com mais de mil homens, e no final deste mês o Marechal Bittencourt, Ministro da Guerra, chega em Queimadas, próximo da zona de guerra, com mais de três mil homens.

Em Outubro do mesmo ano, o exército contando com farta munição, canhões e quase seis mil homens, conseguem fazer o cerco ao arraial, lançando bombas de dinamite sobre as casas de taipa em poucos dias, sai de Canudos um representante de Conselheiro, Antônio Beatinho, que faz um acordo com os generais de sair com trezentas pessoas do arraial, a maioria mulheres e crianças, dentre homens inválidos e doentes.

Em 03 de Outubro, os homens que se renderam sob o pacto com os generais são degolados, inclusive Antônio Beatinho. Em 05 de Outubro é dado o final do massacre, com aproximadamente cinco mil casas destruídas e milhares de corpos carbonizados pelo bombardeio. A vitória foi comemorada, segundo alguns jomais da época⁵⁰ por diversos setores da elite republicana e dos militares, que considerava a luta contra canudos, a guerra “contra o atraso” do sertão, frente ao desenvolvimentismo e modernismo do homem republicano, era para o exército de as elites uma questão de honra, como atesta o autor de Os sertões:

⁵⁰ GALVAO, Walnice N. **Op.cit.** p.103.

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente 5 mil soldados.⁵¹

A estimativa é de que tenham sucumbido à guerra cerca de vinte e cinco mil conselheiristas, tendo o exército mobilizado cerca de doze mil praças, quase metade do efetivo nacional, no maior conflito de guerrilha que o Brasil presenciou. Dentro desse contexto, é importante avaliar a que valores os conselheiristas estavam vinculados, visto que, com exceção de mulheres e crianças castigadas pela fome e pela sede, praticamente todas as pessoas resistiram ao ataque do Exército, havendo, segundo as fontes, poucas deserções.

Segundo Veneu, a retirada seria inviável, pois os sertanejos viam no processo de resistência uma forma de martírio, onde a redenção pela fé nos santos e no fim dos tempos os levaria à salvação, frente às “leis do cão”, que a República proclamava, segundo os discursos de Antônio Conselheiro. Portanto, as penitências sofridas tanto no sertão como a privação das condições básicas de sobrevivência, e a conseqüente resistência ao massacre era vista como uma oportunidade de purificação dos pecados do homem perante Deus, cujo próprio filho teria se sacrificado numa *via crucis* de sofrimento, rumo à libertação espiritual.⁵²

Longe de ser um bando de “fanáticos bárbaros”, os seguidores de Antônio Conselheiro tinham uma visão de mundo bastante diferenciada daqueles que combatiam, cuja noção da história e da vida se baseava no rito da Salvação e da penitência, e viam na figura do velho pregador uma possibilidade de pagar seus pecados perante o mundo, e ainda, justificar para sua compreensão o lugar do sofrimento a que tanto eram submetidos devido à seca e à dura vida sob o comando dos fazendeiros locais.

Se, por um lado, o catolicismo popular e o messianismo de Conselheiro serviam de motivação para os jagunços e sertanejos enfrentarem todas as dificuldades do ambiente e da exploração dos fazendeiros, uma das possibilidades é que viam nos dogmas cristãos da

⁵¹CUNHA, Euclides. **Op. cit.** p. 63.

⁵² VENEU, Marcos G. A Cruz e o Barrete: Tempo e História no Conflito de Canudos. In: **Revista Religião e Sociedade**. Nº. 13. Rio de Janeiro, PUC- RJ. Julho de 1986.

salvação e do martírio fortes motivos para a resistência ante as condições em que viviam. Assim, o movimento também adquiria um tom social, pois questionava o controle social, a desigualdade e dominação que havia na região e que oprimia grande parcela da população.

Por outro lado, a explicação para perseguir Canudos, que perpassava a mentalidade republicana era que aquela região representava o atraso social, um foco de resistência ao progresso que deveria ser ultrapassada, uma verdadeira anomia social, que nas cidades como Rio de Janeiro e São Paulo era vista como uma conspiração monarquista, em que a elite nacional, baseada na ideologia republicana francesa, visava romper com o Brasil escravocrata e exclusivamente rural, vendo na resistência de Antonio Mendes Maciel e demais canudenses uma afronta ao poder da República moderna precisando ser erradicada a qualquer custo.

Esta construção foi fartamente divulgada através dos noticiários do conflito, em que a imprensa escrita e telegrafada elaborava como reportagens que exaltavam as forças republicanas e progressistas, frente ao barbarismo do sertão brasileiro, atrasado e hostil, que deveria ser extirpado para se chegar o progresso e ordem nacionais, baseados no pensamento positivista no qual Euclides também se inspirou.

A obra de Euclides define bem a diferença das “sub-raças” que foram moldadas no Brasil devido a forte miscigenação étnica que ocorreu durante o período colonial. Baseado das teorias de Herbert Spencer, Hippolyte Taine e Cesare Lombroso⁵³, Euclides divide os “mestiços”, em dois aspectos: aqueles que nasceram no litoral podiam acompanhar as formas evoluídas de sociedade visto que o ambiente propiciava a eles uma forma de melhorarem naturalmente, enquanto que o mestiço do sertão, alijado ao meio inóspito e selvagem, jamais poderia compreender as formas superiores de organização política e social que tanto os positivistas ambicionavam.

Para Nina Rodrigues, catedrático da Medicina Legal, as idéias de Antônio Conselheiro eram de uma loucura epidêmica, levando o fenômeno de Canudos como um processo patológico que contaminava a raça fraca e mestiça do sertão. Na sua concepção, o

⁵³ Respectivamente: Spencer, o principal teórico do Darwinismo Social, que defendia a tese de que as raças inferiores cederiam espaços para as superiores, no caso, a branca, e que o progresso seria resultado da evolução do ser humano das formas superiores de organização social; Taine foi um dos principais teóricos do positivismo, e defendeu a tese de que o homem era fruto do meio em que vivia, o determinismo social; e finalmente Lombroso, médico e criminologista francês, buscou em suas teorias relacionar os aspectos físicos dos criminosos as suas práticas, e via no crime uma patologia típica das raças negra e vermelha dos países colonos. In: **BRUGGER**, Walter. **Dicionário de Filosofia**, São Paulo: Ed. Herder, 1962. p.241.

meio propiciava alucinações ante a “raça inviável” que se alastrava pelo interior, e que a figura do jagunço, “resultado da hibridação de brancos, nativos e africanos – era o caldo da cultura propício ao desenvolvimento da epidemia social.”⁵⁴

Tal era a perspectiva de atraso biológico da “sub-raça sertaneja”, que os militares após o fim do conflito, exumaram o corpo de Conselheiro, decepando-lhe a cabeça para que Nina Rodrigues avaliasse o crânio e evidenciasse para a elite os “sinais” que a loucura e a demência, própria dos mestiços ali compreendidos, aparecessem em forma de uma degenerescência na composição biológica do cérebro. Mas, para infelicidade destes, nada constataram.⁵⁵

A obra *Os Sertões* representa bem o pensamento da elite dominante que detinha o poder na época, de militares, oligarcas e profissionais liberais que viam no positivismo e no pensamento colonizador europeu uma espécie de verdade absoluta, onde o cidadão branco e moderno deveria intervir politicamente para o progresso do país, frente ao atraso das raças mestiças que se aglomeravam no interior.

O antagonismo entre o homem urbano, republicano e de posses, frente ao miserável sertanejo das caatingas nordestinas se evidenciaram no combate de Canudos, explicitando duas visões de mundo bem distintas, e que motivam os canudenses, até certo ponto, para o combate, de um lado, a investida do exército, que representava a igreja, os fazendeiros e a população que aspirava os ideais republicanos, e de outro, o rústico sertanejo, que enfrenta a miséria cotidianamente, mas é firme na sua fé perante os Santos e a Salvação.

Contudo, a leitura que os republicanos fizeram das intenções desses sujeitos foi bem diferente. Acreditando estar diante de uma conspiração monarquista, como era divulgado pela imprensa em todo o país⁵⁶, agitando o já conturbado cenário nacional, e se tornando, pois, uma questão de honra aos republicanos vencer o arraial de Canudos, numa mostra de que as forças republicanas poderiam vencer qualquer forma de restaurar a monarquia nos Estados Unidos do Brasil.

Após vencerem a suposta conspiração, as forças políticas se dividiram quanto aos meios utilizados para deter o movimento de Antônio Conselheiro. Enquanto que os

⁵⁴ MAESTRI, Mário. *Op. cit.* p.10.

⁵⁵ *Ibid.*, p.04.

⁵⁶ NASCIMENTO, Luciano. O Discurso Imagético Autoritário sobre a Guerra de Canudos. Artigo disponível pela revista *ClioHistória*, Textos e Documentos, www.cliohistoria.com.br, acesso em setembro de 2006.

militares exaltavam a vitória, alguns políticos se portavam contra as degolas propiciadas pelos soldados e a violência perpetrada sobre velhos, crianças e mulheres que se renderam às forças conservadoras.

Euclides da Cunha, ao final de sua obra, descreve os horrores da guerra, embora compreendendo o processo, como inevitável:

Ataque franco e, devo dizê-lo, involuntário. Nesse investir, aparentemente desafiador, com os singularíssimos civilizados que nos sertões, diante de semibárbaros, estadearam tão lastimáveis selvaticuezas, obedeci ao rigor incoercível da verdade. Ninguém o negará.⁵⁷

Euclides justifica que a postura dos soldados diante dos conselheiristas como uma influência diante do “barbarismo” do sertanejo, e embora a violência fosse excedida em todas as dimensões, com degolas de inocentes e muito mais, era vista como um processo necessário ao progresso do Brasil.

O mesmo discurso pode-se observar no discurso que Rui Barbosa escreveu para proferir frente ao senado, mas que não chegou a fazê-lo:

Por entre as desgraças do período que atravessamos, S.P., (Senhor Presidente.) e em contraste com elas, avultam dois fatos de consolação e esperança, dois indícios de futuro melhor. Um está na firmeza silenciosa e perseverante, com que o governo se empenha em sanear a atmosfera nacional dos miasmas de barbaria, que a infestam, em obrigar o crime político a refluir, execrado, às suas origens, em apagar do nosso nome e da herança de nossos filhos a mácula de sangue, crescente, crescente como o estigma de uma família de Cains. O outro consiste na decepção infligida pelas instituições militares aos seus exploradores, cuja malignidade, em vez do exército modelado no exemplo dos Marcelinos, por eles industriados para salvar a república, renovando na sua metrópole os processos de Canudos, viram no exército, fiel à disciplina, à autoridade e à lei, a imagem coletiva do horror ao atentado que vitimou o maior dos seus marechais. Uma vez que assim se resolveu o dilema do punhal à força armada, uma vez que esta repele a injúria da cumplicidade com o assassino, e assume a sua solidariedade natural com as medidas vingadoras do direito, uma vez que dêste modo parece encerrada a época das cobardias, seria vileza não ter, por transação com o sistema das irresponsabilidades, a coragem de cumprir um dever contra o inimigo atual.⁵⁸

As “miasmas da barbaria” segundo Rui Barbosa, deveriam ser eliminadas, a bem do progresso, mas longe da violência que fora perpetrada contra os sertanejos de canudos. No entanto, era o senso comum das elites políticas de que o “barbarismo” deveria ter um fim para o progresso

⁵⁷ CUNHA, Euclides. *Ibid.* p. 345.

⁵⁸ BARBOSA, Rui. *Terminação da Guerra de Canudos*. In: **Obras Completas**. V. 24 T 1 1897 pág. 299-304 Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1971.

do Brasil, retirando do seu “organismo” quaisquer formas de patologia social que infectasse o cenário nacional que prosperava ante as expectativas dos republicanos.

Neste momento, a memórias de Canudos foram apropriadas pela elite dominante, passando uma ideia de atraso e fanatismo, frente a outras interpretações que poderiam denotar, ainda nesta época, uma variedade de abordagens que ocorreram, tal qual aconteceu no movimento pelas memórias de Canudos nas comemorações dos centenários de nascimento e do fim da cidade. Cada uma dessas construções sobre as memórias da cidade contribuiriam para que houvesse uma diversidade de interpretações, e que cada um desses movimentos dialogavam diferentemente com o social, apresentando posturas políticas variadas, permitindo que esse processo de luta por pertencimento seja tenso e plural.

CAPITULO II:

A REINVENÇÃO DE CANUDOS ATRAVÉS DE SUA MEMÓRIA

O esforço histórico para apagar Canudos que mesmo não sendo muito bem identificada no mapa da foto 02, ficou nas narrativas e documentos e se apresenta apenas quando em épocas de longa seca emergem do fundo da lagoa.

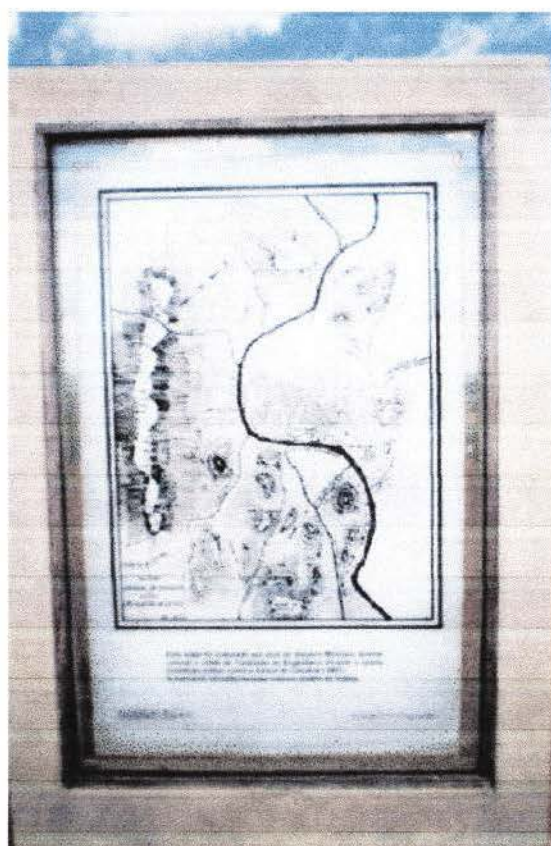


Foto 02: Mapa de Canudos nos tempos do Conflito. Acervo do autor. 2004

A trajetória de resistência popular não se encerrou com os últimos bombardeios durante o extermínio do *Kraal*⁵⁹ conselheirista, mas se evidenciou décadas mais tarde, com a inundação do antigo povoado conforme se pode ver na foto 03, na construção do Açude

⁵⁹ Euclides se referia ao arraial de Bello Monte como *Urbs Monstruosa* e um misto de acampamento de guerreiros e um *Kraal* (moradias, comunidade) africano.

de Cocorobó, apagando as evidências históricas e arqueológicas que pudessem ser utilizadas posteriormente.



Foto 03: Destaque do Lago de Cocorobó. Acervo do autor. 2004

O açude, que teve seu início no Governo Dutra (1946-50), ainda na forma de projeto, e conseqüentemente pelo Governo Vargas (51-54), somente foi concretizado em 1969, represando as águas do rio Vaza-Barris. A decisão final de alagar o espaço geográfico que compreendia o antigo arraial de Conselheiro, segundo Antônio Olavo, não se restringia apenas em aspectos técnicos, mas principalmente em apagar vestígios do massacre, que ainda saltavam aos olhos pelas ossadas descobertas e restos de mortalhas e munições:

Na decisão de construir um açude, não somente “aspectos técnicos” (clima, topografia, vazão de água, impacto ambiental, extensão do espelho d’água, área beneficiada, etc.) devem ser levados em conta. Dois dos critérios mais relevantes para uma tomada de decisão são: a presença de povoações e a importância histórica da área a ser inundada. Se os estudos técnicos que foram feitos acerca da localização do açude, desprezaram um fator histórico ou subestimaram a importância de Canudos, é uma prova evidente de que não existe a tão propalada “neutralidade técnica”. E as elites filtram e utilizam as “opções técnicas” de acordo com seus interesses. (...) Em Canudos, o que estava em jogo não era a inundação de um pedaço de terra qualquer do sertão nordestino. As águas do Cocorobó cobriram uma área onde ocorreu uma das mais importantes manifestações populares do mundo, que envolveu distintos

interesses políticos e econômicos, gerando uma guerra que durou um ano e mobilizou tropas de 17 estados brasileiros culminando numa chacina de milhares de pessoas, que manchou com sangue os Brasões da República e do Exército. Esses fatos não eram desconhecidos por ninguém, muito menos pelos técnicos que lá foram construir o açude. Os militares nunca esqueceram o trauma da participação do episódio, recentemente em 1997, o então Ministro do Exército, General Zenildo de Lucena, dizia que “a data da vitória não dá ensejo a celebrações.”⁶⁰

Os antigos sertanejos que moravam no local foram transferidos para o povoado de Cocorobó, próximo ao DNOCS, empresa responsável pela barragem. Em 1982, entrava em vigor a lei estadual nº.4.029, se passava a se chamar Distrito de Canudos, fixada no povoado de Cocorobó, e em 1985, uma nova lei, a 4.404, elevava o distrito à categoria de Município⁶¹.

A imagem do lago como se apresenta na foto 04, silencia práticas, mas também desperta para que se procure outras formas de conhecer e reconhecer a trajetória desse lugar.



Foto 04: Visão geral da região de Canudos, tendo ao fundo o Lago de Cocorobó, que foi construído na década de 60 com represamento do rio Vaza – Barris, inundando grande parte do sítio da antiga cidade fundada por Antonio Conselheiro. Acervo do autor. 2004

⁶⁰ OLAVO, Antonio. O Açude de Cocorobó e a Memória Popular. In: **Op. cit.**, p. 21.

⁶¹ NETO, Manoel S. **Tempo de Pensar, Tempo de Contar**. Caderno do CEAS, número especial. 1997, p.21.

Mas não foi somente este o motivo que Canudos foi historicamente negligenciada. A própria falta de interesse por parte do poder público em financiar e dar subsídios aos aspectos culturais da memória canudense, bem como o desinteresse da elite acadêmica fez, durante muitas décadas, da história de Canudos um acontecimento irrelevante na História do Brasil, isto é, a história dos movimentos populares estava relegada ao esquecimento.

Entre o esquecimento estabelecido por décadas e o movimento pelo valorização da memória da cidade e dos acontecimentos históricos que ali ocorreram, destacam-se o grande trabalho de instituições acadêmicas e grupos de intelectuais, artistas e produtores culturais no intuito de revisitar a história de Canudos, resgatando aspectos até então pouco explorados na historiografia brasileira.

Entretanto, as “disputas pela memória” enfatizadas por Michael Pollak são evidentes na reconstrução da memória de Canudos, segundo alguns historiadores⁶², pode ser compreendida em duas vertentes: uma, de caráter popular e religioso, ligado à terra e contrário à exploração sertaneja (MST, Pastorais da Terra, grupos artístico-culturais, etc.); e outra, dos setores acadêmicos e das instituições governamentais (Secretarias Estaduais de Turismo e Cultura, Universidades, Instituições culturais, Exército, etc.).

Esta disputa pela memória canudense tem um foco importante: incorporar a importância histórica de Canudos no cenário nacional, seja como representação da luta pela terra e pela justiça social, seja pela representação de Canudos como um fato que não pode ser negligenciado.

Ambas as memórias possuem importância neste contexto, pois Canudos além de um acontecimento de importância histórica e fundamental para a compreensão dos fatores que até hoje determinam as relações políticas e sociais no Brasil, a sua sobrevivência enquanto identidade social e cultural são modelos de projetos que podem ser levados a outras regiões do Brasil, onde ocorreram fatos importantes que devem ser rebuscados e inseridos no conjunto da História e da Memória, e que, problematizados, são pontos de constante reflexão sobre o passado e as escolhas sociais do presente.

A cidade de Canudos hoje, em sua terceira reconstrução, é composta por dezessete mil habitantes, e sofre com a ausência de políticas públicas, como a maioria das cidades do

⁶² Neste contexto, destaca-se os trabalhos de Antônio Fernando de Araújo Sá, Canudos Plural: Memórias em Confronto nas Comemorações dos centenários de Canudos (1993/1997). (in: **Textos de História**, Revista de Pós-Graduação em História da UNB. Brasília: Departamento de História, UNB, 1998. p.19-50.).

sertão nordestino. Com altas taxas de analfabetismo, falta de investimento em saneamento básico, fazendo crescer as doenças endêmicas, além crescentes índices de álcool e prostituição entre os jovens. A população canudense depende exclusivamente do açude, que em racionamento, prejudica a irrigação e a sobrevivência da fonte de renda da população: a terra⁶³. Além da atividade comercial que perpassa a venda de produtos locais e materiais voltados para os visitantes, conforme se vê nas fotos 05 e 06 em que as barracas compõem os espaços da rua. O que pude observar bem de perto, as pessoas criam estratégias não só de afirmar seu pertencimento pela memória, mas também é um lugar que ainda está em disputa, não se encerrou com o fim do conflito ou alagamento da cidade antiga, as pessoas ainda ocupam e procuram estratégias para sobreviver.



⁶³ NETO, Manoel. **Op. cit.**, p.43.



Fotos 05 e 06: Feira livre da cidade de Canudos. Acervo do autor. 2004

Apesar das dificuldades climáticas e da falta de recursos, a comunidade canudense está organizada em pastorais, sindicatos e grupos religiosos, na tentativa de buscar soluções para seus problemas sociais e na perpetuação de sua cultura e identidade.

A memória de Canudos, como foi explicitado, se deu pela sua negativa. Mas a obra de Euclides da Cunha se por um lado, distorceu a figura de Conselheiro e de Canudos, por outro lado possibilitou a existência de registros sobre os fatos ocorridos no interior da Bahia, onde a partir da década de 50, a historiografia pode rearticular sua postura de abordagem e redescobrir outros olhares sobre a história canudense.

Ao contrário do que ocorreu nas comemorações dos quinhentos anos do Brasil, em Porto Seguro, na Bahia, onde foram rechaçados os movimentos sociais, até os índios ficaram de fora, e somente a história dos governantes e da elite foi exaltada, numa tática explícita de excluir a memória popular das minorias da História do Brasil⁶⁴. As novas práticas de constituição da memória de Canudos permitiram rever a antiga estrutura periodizada que sempre foi imposta pela história institucional, que é construída pelos poderes dominantes constituídos, e neste mesmo contexto, permitiu que grupos

⁶⁴ Ver reportagem da Folha de São Paulo, dia 22/04/2000. Também disponível na página eletrônica Folha online: <http://www1.folha.uol.com.br/fol/pol/ult22042000001.htm>, acesso em 16 de Dezembro de 2006.

anteriormente marginalizados pudessem vir à tona num campo onde pode ser analisada a (re)construção e afirmação de vivências sociais que estavam à margem do processo histórico.

Todo esse trabalho teve início segundo Sá, a partir de projetos ligados à Igreja Católica, e posteriormente, aos movimentos rurais dos sem-terra, mais especificamente do MST. A nova postura de alguns eclesiásticos sobre a questão da terra e da luta camponesa se desenvolveu com a criação das Pastorais da Terra (CPT's), criadas em 1975, em defesa de pequenos proprietários de terras, índios e trabalhadores rurais sem-terra, denunciando os desmandos dos coronéis e articulando propostas de justiça no campo.

Imbuídos desta nova postura político-sociológica de parte da Igreja Católica frente à questão camponesa e empenhados na tarefa de "resgate da história e da experiência concreta e da luta heróica dos camponeses de Bello Monte", membros das comunidades eclesiais de base da Paróquia Monte Santo e um grupo de artistas, militantes de partido de esquerda, moradores de Euclides da Cunha e Uauá, numa discussão à margem do açude de Cocorobó, decidiram criar o Novo Movimento Histórico de Canudos, em 15 de Outubro de 1983⁶⁵.

O Novo Movimento Histórico de Canudos teve como projeto organizar sua comunidade em torno de sua importância histórica, ressaltando a figura messiânica de Antônio Conselheiro como um lutador pela igualdade social e na luta pela terra. Esta visão de Conselheiro foi proposta como discurso por determinados setores da Igreja, que anteriormente via na figura de Maciel como um bárbaro fanático, cujas pregações poderiam danificar a disputa por hegemonia no Sertão Nordestino.

Esse contraste se mostra mais evidente quando se observa o local em que acontecem celebrações nas proximidades da antiga Canudos, conforme foto 07, que registra esse local e me fez pensar sobre como a Igreja procura rememorar o movimento, mas agora por um viés positivo. Na verdade, muda-se a estratégia, mas os objetivos são muito próximo, o interesse em não perder o prestígio dos fiéis e não exacerbar os conflitos sociais dando a entender que o movimento trouxe unidade para os canudenses.

⁶⁵ Sá, Antônio F. **Op. cit.**, p.23.



Foto 07: Local onde os canudenses rezam as missas, próximo à antiga Canudos. Acervo do Autor. 2004

Com efeito, a visão de Conselheiro - proposta por clérigos vinculados à Teologia da Libertação⁶⁶, liderados pelo padre Enoque de Oliveira - era relacionada a uma imagem positiva da religiosidade sertaneja, que antes era vista como fanatismo e alienação, agora passa a ser vista como forma de protesto contra as mazelas econômicas e sociais.

A partir de 1984, passam a serem realizadas periodicamente as Missas pelos Mártires de Canudos, com forte discurso de inconformidade social, pregando a identidade de Canudos como foco de resistência aos coronéis locais, resgatando a cidade de Canudos como *Cidade Santa*. Este novo campo de visão, encabeçado pelo padre Enoque de Oliveira, sofreu forte resistência da elite intelectual e da imprensa baianas.

⁶⁶ Escola da Teologia da Igreja Católica cuja missão está envolvida em torno a exclusão social do ser humano, criada após o Concílio Vaticano II, tendo como principais teóricos: o teólogo peruano Gustavo Gutiérrez, o teólogo americano Cornel West e o brasileiro Leonardo Boff. Esta Teoria esteve muito em voga durante as décadas de 60 e 70, junto às Comunidades Eclesiais de Base, que, embora sejam vistas com desconfiança por setores tradicionais da Igreja Católica, principalmente no Vaticano, estas comunidades estão fortemente ligadas a movimentos sociais que lutam contra a opressão econômica e exclusão social e rural. In: ROSSI, Waldemar. A Teologia da Libertação e a Transformação do Mundo. In: **Revista Espaço Acadêmico**, Ano II, nº.17. Outubro de 2002. ISSN: 1519.6186. São Paulo, SP. 2002.

Este movimento foi polêmico e teve início pela valorização da memória canudense: *O Movimento de Canudos trabalha na perspectiva de que a memória coletiva sirva para libertar os homens e não para sua servidão, utilizando-se de recursos que vão dos rituais da Missa – composta de depoimentos, cantoria e celebração propriamente dita da Missa –, os debates políticos aos cânticos e poemas*⁶⁷.

Além das Missas, foram organizadas celebrações populares, romarias e confecção de impressos que relembavam as lutas dos conselheiristas e os desafios dos sertanejos frente às dificuldades do sertão, que contavam com a participação dos moradores locais, estudantes, religiosos e intelectuais. Em 1993, essas manifestações ganharam dimensão nacional devido à inserção do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) no movimento e à proximidade das comemorações do centenário da fundação de Canudos.

Contudo, vale destacar a Universidade Federal do Sergipe, a Universidade Estadual da Bahia (UNEB) e a Universidade Federal da Bahia (UFBA), que são instituições que fortaleceram este debate, e tomaram a frente de um amplo movimento por Canudos. Na foto 08 tem-se em destaque o caminho de acesso ao Parque que a UNEB preserva e mantém como uma das principais fontes de discussão e de registro sobre Canudos.



Foto 08: Entrada para o Parque Estadual de Canudos, que foi construído em parceria com a Secretaria Estadual de Turismo e a UNEB(Universidade Estadual da Bahia) com o intuito de preservar os resquícios arqueológicos e históricos da Guerra de Canudos. Acervo do autor. 2004

⁶⁷ SÁ, Antônio F. **Op. cit.**, p.25.

A atuação da UNEB marcou pela criação do Centro de Estudos Euclides da Cunha, organizando um grupo de intelectuais de diversas áreas, e partindo para o levantamento arqueológico, programas de divulgação e estudos da memória de Canudos e da memória da guerra, através de trabalhos de recolha de depoimentos de moradores, dentre outros trabalhos acadêmicos.

Nesta luta pelas memórias de Canudos, Sá destaca que o movimento liderado pela Pastoral da Terra e o MST dialogavam com a imagem de Conselheiro como líder revolucionário, destacando nos discursos produzidos em locais como as Igrejas e sindicatos, a imagem de Canudos como uma “terra da promessa”, ou seja, uma nova Canaã do sertão⁶⁸.

Esta visão aproxima muito do discurso marxista que determinados grupos sociais engajados que viam em Canudos de Conselheiro uma sociedade igualitária, com perspectivas reais de uma participação social mais comunitária, usando a terra como bem comum a todos, uma terra de libertação dos oprimidos, tal qual foi a terra de Canaã para os israelitas dos tempos do profeta Moisés.

Esta analogia está presente devido a forte influência da Igreja Católica na região, onde a Pastoral da Terra assumiu o compromisso de articular a memória daqueles que ali viviam em torno de uma luta social por melhores condições de vida e distribuição de renda. Não se trata, neste aspecto, de uma memória deturpada ou desviada de sua origem primária, mas de uma forma idealizada de Canudos.

Esta “Canudos imaginária” também faz parte do conteúdo de significados que pertencem às memórias em confronto: a memória não somente se articula através de resíduos do passado como se vê na preservação de lugares de trincheiras ou de ossadas como se apresenta nas fotos 09, 10, 11 e 12 respectivamente, mas também de como os sujeitos envolvidos pensam e idealizam e compartilham destas imagens, sendo elas imaginárias ou resgatadas da história, num processo de revisitar o passado e inseri-las no presente com outros usos.

⁶⁸ SÁ, A. F. **Op. cit.**, p.20.



Foto 09: O chamado “vale da morte” era onde os soldados amontoavam os corpos das vítimas da guerra. Acervo do autor. 2004.



Foto 10: Destaque de uma ossada localizada no Vale da Morte. Neste local, é comum ossadas humanas. Acervo do autor. 2004



Fotos 11 e 12: Trincheiras utilizadas pelos Conselheiristas durante as investidas do Exército na região de Canudos. Acervo do autor. 2004

Num outro sentido, os movimentos ligados às universidades e demais setores governamentais buscaram articular a memória canudense num sentido de buscar uma nova

reflexão quanto à memória do conflito que ocorreu, reunindo esforços para reescrever a história de Canudos pelo viés da resistência ante ao massacre e as dificuldades impostas, diferentemente da memória oficial constituída que via no conflito uma exaltação da vitória do Exército brasileiro. Porém, esses locais (museus, centros de estudo e parques) também correm o risco de se limitar ao recorte folclórico da guerra de Canudos, retirando o processo histórico em que se inserem as fotos 13 e 14 a seguir, elas fazem menção ao Museu de Antônio Conselheiro e à região identificada como Hospital do Sangue da Segunda Coluna. Deixando dúvidas sobre quais as finalidades desses centros, pois do esquecimento ou vulgarização para o heroísmo a discussão histórica se ausenta e fica a visão folclórica e mítica do movimento. Assim a discussão sobre as condições de vida, a desigualdade social se ausentam do debate cotidiano tanto sobre o passado, quanto sobre o presente.



Foto 13: Local onde foi realizado o Hospital de Sangue da Segunda Coluna do Exército. Acervo do autor. 2004



Foto 14: O Museu Antonio Conselheiro abriga inúmeros artefatos de guerra, roupas, utensílios de uso doméstico da época da guerra e uma série de objetos que foram recolhidos na região do conflito. Acervo do autor. 2004.

Para tanto, os setores acadêmicos buscaram resgatar os vestígios da história local, reinterpretando sua história, refletindo sobre a historiografia e suas relações com a memória dos excluídos e marginalizados do Brasil. Esta memória foi apropriada de diversos modos, seja pelo registro oral, ou pelo estudo histórico dos vestígios documentais, pela filmografia e pela fotografia. Como a discussão sobre a origem do nome canudos apresentada na foto 15, que popularmente se explica por um costume do lugar. Segundo os moradores do local, o nome Canudos se dá devido a uma planta que um “tubo” em que os antigos moradores faziam um cachimbo para fumar o tabaco, dando o nome ao local de Canudos.



Foto 15: Planta que popularmente é tida como inspiradora do nome da cidade. Acervo do autor. 2004

Baseando-se na teoria de Pollak sobre a constituição das memórias, pode-se compreender na história dos moradores de Canudos uma rica memória, constituída e reconstruída no cotidiano da comunidade, de âmbito local, ainda que marginalizado do espaço público dominado pelas memórias oficiais, e que vai ganhando espaço na medida em que determinados grupos se apropriam desta memória e a redimensionam, assumindo novos significados.

Para Pollak as memórias em conflito que são marginalizadas, podem ficar durante determinados períodos da história como que silenciadas, soterradas em meio ao discurso

oficial, e que podem ganhar o espaço público devido ao constante conflito entre as memórias e a quebra de tabus ligados à memória dominante. Estes “tabus” podem ser

considerados uma série de valores, imagens e discursos que perdem seus significados e dão lugar às memórias que anteriormente estavam submersas, construindo uma nova rede de significados, pois *uma vez removido o tabu, uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a disputa pela memória.*⁶⁹

A memória constituída sobre Canudos até a década de 1950 pode ser considerada uma memória oficial, ou seja, aquela que fora autorizada e divulgada pelo Estado e por um conjunto de órgãos e instituições ligadas à elite dominante, construída pelo discurso dos membros do governo e da elite positivista que lá representavam, e avaliavam negativamente a cultura local, bem como os moradores da região, como foi constatado nas narrativas de Euclides da Cunha e Nina Rodrigues.

Neste aspecto, os estudos de Fábio Paes e José Calasans oferecem ricas fontes quanto à formação da memória popular de Canudos, pois estes estão diretamente envolvidos com a causa de Canudos, dentro de um trabalho engajado, pela valorização destas memórias, identificando o conjunto de práticas culturais que reforçam a memória local, seja através das festas religiosas, seja pela farta literatura recolhida do folclore regional, situando Canudos como referencial de luta e resistência do sertanejo e suas sensibilidades perante o mundo que os cercam.

Esta memória ligada à religiosidade, à poesia, ao trabalho e às demais experiências cotidianas demonstram a força dos moradores que a compartilham, trazendo para o presente as lutas do passado, as vivências cotidianas, reforçando aquilo que eles têm em comum, embora todas as diferenças existentes entre eles, ao passado que vivificam e as práticas culturais que compartilham como bem comum a todos.

O trabalho de Fábio Paes, que é historiador e cantador das músicas populares nordestinas é imprescindível para refletir sobre a memória canudense, tanto com seus estudos escritos quanto seus discos gravados, dentre eles seu quarto disco, *Canudos e os Cantos do Sertão*, em conjunto com Padre Enoque de Oliveira e o Movimento Popular de Canudos que se iniciou em 1985.

⁶⁹POLLAK, M. *Op. cit.*, p. 03.

Em recente artigo⁷⁰, o historiador destaca uma série de canções cuja temática é a Guerra de Canudos, e demonstra através desta recolha que a poesia popular se irradia por todo o Nordeste, não se limitando à sua região geográfica, declamada por poetas e cantadores populares.

Estas práticas podem ser exemplificadas, tendo como exemplo as *Trezenas de Santo Antônio*⁷¹, festas do padroeiro da cidade, comemoradas no mês de Junho em que a religiosidade toma conta da população, que relembram das promessas de Conselheiro e reavivam a história da Guerra, e reafirmam sua memória através de um complexo sistema de ritos e simbologias, sempre como tema central a figura de Antônio Maciel, como demonstra o estudo de Fábio Paes, sobre a poesia popular:

*Eu tava na ponta da rua
Eu vi a rua se fechar
Eu vi a fumaça da pólvora
Eu via a cometa bradar
Eu vi Antônio Conselheiro
Lá no Alto do Tambor
Com 180 praças
É amor, é amor, é amor*⁷²

A memória de Canudos aqui se evidencia pela linguagem, perpetuada e recriada pelos artistas locais, revivendo os acontecimentos e os significados relacionados aos episódios que ocorreram há cem anos:

Usaram as águas do rio
Que nem arma do medonho
Prá destruir a morada Terra Santa
Do beato Santo Antônio
Penitentes e contritos
Na sagrada procissão
Prá bandeira de Canudos
Nunciar Ressurreição.⁷³
(João Ba/Gereba)

⁷⁰ PAES, F. **Op. cit.**, p. 21.

⁷¹ CALASANS, José. **Op. cit.** p.157.

⁷² PAES, F. **Op. cit.**, p. 21.

⁷³ PAES, F. **Op. cit.**, p. 22.

As músicas e poesias apresentadas exaltam a resistência do povo sertanejo, a imagem de Antônio Conselheiro como mártir das causas sociais do sertão, e a fé em Santo Antônio como figura incondicional e bastante marcante na religiosidade dos moradores, como um ato sagrado de renovação das esperanças:

É este Santo Antônio da minha terra
É essa alegria do meu povo
A cada Santo Antônio que chega
Essa gente fica logo assim de novo
E assim vai o tempo se passando
A gente ficando na recordação
É esse Santo Antônio animado
Amor passado de uma ilusão.

(Domínio Público/Canudos)

No mesmo momento de confraternização e das festas do santo padroeiro da cidade, as canções que relembram o conflito ganham espaço, demonstrando o trato especial que a população tem com seu próprio passado que é revivido pela linguagem e compartilhado entre os presentes:

O sangue virou água,
E se fez Cocorobó
A morte virou corisco
E cortou o coração
A justiça virou fogo
E corre atrás dos coronéis⁷⁴.

(Carlos Pita)

Estas poesias e canções populares, em determinada instância, invertem a antiga visão dos sertanejos como fanáticos, e valorizam sua origem através de ritos e tradições que compõem suas experiências religiosas e sociais. Os valores coletivos, as crenças, os ritos consagrados na comunidade canudense sempre reforçaram de tal modo sua memória que a destruição física de suas moradas, bem como vários outros problemas de ordem social e econômica jamais a conseguiram apagar.

⁷⁴ PAES, F. **Op. Cit.**, p. 22.

Os moradores utilizam estes versos durante suas festas populares, como também no dia a dia, fazendo com que estas canções, poesias e demais literaturas sejam comuns na sua vida diária, um rito que lhes afirma uma série de valores e significados que são construídos no processo histórico.

Nas poesias anônimas que compõem o *Cancioneiro histórico de Canudos*, registrados através de um documentário realizado por José Calasans demonstra que a memória canudense que está presente na linguagem do sertão ultrapassa o espaço circunscrito do município de Canudos, vários outros locais, como grande parte dos estados da Bahia, Sergipe e Ceará, através de uma rede de tradições orais que se espalharam pelo Nordeste, tendo como tema a Guerra de Canudos, a figura de Antônio Conselheiro e demais elementos que constituem a memória popular de Canudos:

O anticristo chegou,
Para o Brasil governá
Mas aí está o conselheiro
Para ele nos livrá.
(Bahia)

Antônio Conselheiro
É home de opinião
Matou Moreira César
E matou seu batalhão.
(Bahia)

Quem quiser remédio santo,
Lenitivo para tudo
Procure o Conselheiro
Que ele tá lá nos Canudos.
(Sergipe)

Conselheiro já foi trunfo
Já fez morto vivê
Porem hoje tá plantado
Nunca mais é de nasce

(Ceará)⁷⁵

A memória de Canudos, que teve sua consolidação no espaço público nacional com a comemoração dos centenários da criação da cidade e do fim da guerra, a função das instituições e os movimentos sociais em torno do tema são cruciais para entender o papel do reinterpretação dessa memória, uma vez que ela já existia em nível local e regional.

A memória, neste contexto, assume novas simbologias, novos campos de visão, principalmente no que concerne ao modo como Antônio Conselheiro é visto, que tem sua figura incorporada a novos valores de luta pela terra e pela justiça social. Esta memória é apropriada através de diversas linguagens: a linguagem escrita, oral, visual e gestual, se reelaborando no constante registro de revistas, jornais, reportagens televisivas, filmes, documentários e fotografias. Vale a pena pensar um pouco sobre o que se constrói sobre esse homem ao visitar o Museu, conforme foto 16, e se deparar com essa imagem de Conselheiro, será que abre-se realmente novas perspectivas sobre quem foi, o que fez e como se insere na história de Canudos.

⁷⁵ CALASANS, J. A Guerra de Canudos na Poesia Popular. In: **Canudos: Palavra de Deus, Sonho da Terra**. ABDALA Jr. B. & ALEXANDRE, Isabel M. M.(organizadores). São Paulo: Ed. SENAC, 1997.. p.151-153.



Foto 16: réplica de vestimentas de Antônio Conselheiro utilizadas no filme Canudos. Museu Antônio Conselheiro, Canudos, 2002. Acervo do autor. 2004.

A memória da comunidade de canudos começou a ser apropriada, por movimentos sociais e intelectuais interessados em sua história, e passaram a articular uma série de ações no sentido de registrar, divulgar, compreender como esta memória se manteve coesa o suficiente para garantir aos seus sujeitos um passado como referência e como modelo de resistência para suas vidas.

A memória de Canudos, aqui relacionada como objeto em questão, ganhou projeção a partir dos anos 80, quando movimentos sociais e religiosos iniciaram um projeto de reestruturação da memória canudense, evidenciando a luta constante pela terra e pela sobrevivência no sertão, como salienta Sá:

O florescimento do debate entre a memória e a história de Canudos deve ser interpretado dentro do contexto dos conflitos e movimentos sociais gerados pelo processo de reconstrução democrática no final dos anos 70 e início dos 80, que ao exigir uma releitura da história do Brasil, instaurou a necessidade de se incorporar,

em suas hostes, a multiplicidade de atores sociais emergentes no cenário político de então – trabalhadores rurais, posseiros, índios, negros, mulheres, operários, homossexuais, etc.. Como todo programa político está intimamente ligado a um projeto de reconstrução do passado, o caso de Canudos tornava-se emblemático para os diferentes projetos políticos em confronto naquele momento histórico, resultando numa intensa produção cultural, tanto erudita, quanto popular, em torno do tema, especialmente frente à emergência cada vez maior de uma consciência que interpelava (e interpela) toda sociedade brasileira⁷⁶.

Neste movimento de “descoberta” da memória de Canudos, podem se destacar dois movimentos: um ligado aos movimentos dos trabalhadores rurais sem terra e a Igreja Católica, mais precisamente a Pastoral da Terra, e outro, liderado por um conjunto de instituições governamentais e de intelectuais que se interessaram pelo tema e buscaram reinterpretar a memória da cidade dentro do contexto histórico nacional, num conjunto de esforços para a que a experiência histórica que ocorreu não se apagasse. *Pode-se, porém, afirmar que foi um movimento político-cultural que trouxe ao debate contemporâneo, em quase todos os níveis da educação brasileira, fatos, jornais, arquivos particulares, obras de época (finais do século XIX, início do XX), arquivos fotográficos e do Exército*⁷⁷.

Os esforços destas instituições são preponderantes na busca de recursos materiais que são importantes na manutenção desta memória, consoante às necessidades vigentes de desenvolver uma economia turística da região e uma concepção de preservação do patrimônio histórico, articulando diversas instituições comprometidas em evidenciar Canudos e sua identidade no cenário nacional. E para além disso, evidenciar sua referência como luta contra as desigualdades e, por isso, serve como bandeira para lutas sociais como a luta pela terra atualmente.

É importante ressaltar que essas práticas desenvolvidas pelos movimentos em questão na década de 80 e 90 buscaram fortalecer o debate sobre o centenário da guerra de Canudos, e trazer a memória da cidade para o cenário nacional, através de ações de registro das histórias dos moradores, buscando vestígios históricos e arqueológicos, dentre uma série de esforços de produzir conhecimentos em diversas áreas das ciências e por outro lado, organizar a comunidade como organizações políticas que se representassem perante as

⁷⁶ SÁ, Antônio F. A. **Op. cit.**, p.21.

⁷⁷ NETO, Manoel. **Op. Cit.**, p.13.

instituições governamentais como sujeitos políticos ativamente engajados, como foi a proposta do Padre Enoque de Oliveira e do MST.⁷⁸

É constatado que o movimento histórico que valorizou a memória canudense no cenário nacional teve sucesso devido às múltiplas interpretações e vozes que se fizeram ouvir, aliando tanto as camadas populares e as forças institucionais e acadêmicas, tendo como foco central: a importância da cidade e dos fatos históricos ali ocorridos frente às práticas sociais do presente.

Observando a foto 17 que silêncio perpassam essas ruas, como se relacionam os moradores e que forças políticas agem sobre a construção e reelaboração da história desse lugar.



Foto 17: Visão parcial da cidade de Canudos/BA. Acervo do autor. 2004

Destacamos durante nossa viagem, que grande parte dos moradores utilizam desta memória como forma se valorizarem enquanto portadores e “guardiães” dessa memória, em consonância com as articulações entre as universidades e as instituições públicas, até como estratégia para garantir uma economia turística na região, fonte de sustento de muitos que ali moram. Mas para além dessa estratégia, eles se manifestam como pertencentes a essa

⁷⁸ SA, Antonio F. A. Op. cit. 23.

memória porque determinados valores como força, fé e esperança são elementos que constantemente evocados nestas memórias, fazendo com que grande parte do povo se identifique com as memórias da cidade, o que é algo patente, que se é demonstrado nos primeiros contatos com o moradores do local.

Contribuindo para esta memória, destacam-se os trabalhos do fotógrafo Antônio Olavo e o filme *Canudos*, de Sérgio Resende, lançado em 1997. Olavo fez diversos trabalhos fotográficos sobre a comunidade de Canudos, dentre eles, *Memórias fotográficas de Canudos e Paixão e Guerra no Sertão de Canudos*, sempre com uma intensa participação popular, levando a memória do povo canudense a diversas partes do país, em universidades, escolas públicas, feiras livres e uma apresentação para a própria comunidade, à beira do lago de Cocorobó, depois desta exposição, as fotografias foram doadas para a população.

Antônio Olavo baseou seus trabalhos na própria comunidade: fez centenas de entrevistas, expostas em seus documentários e diversas intervenções fotográficas, com um acervo de quinze mil fotos, sempre como premissa fundamental levar às pessoas a memória do povo canudense, e mais, em suas exposições que fizera dentro de Canudos tinha como intenção fazer com que os sujeitos que ali viviam se preocupassem com sua memória, com sua história, percebendo a importância de sua atuação no mundo em que vive, uma percepção política da experiência cotidiana:

A construção desse projeto foi uma coisa extraordinária, do ponto de vista emocional, do ponto de vista da agregação, de paixão por uma causa! A nossa paixão era pela causa do resgate de Canudos. A paixão dos conselheiristas que morreram era a defesa de Canudos, na manutenção, na sustentação, para que aquilo, aquele projeto continuasse! A nossa era esse resgate, e de forma plural, o Exército teve sua voz colocada lá. As visões diferenciadas sobre Canudos e Antônio Conselheiro tiveram suas vozes colocadas lá.⁷⁹

Sérgio Resende, renomado cineasta nacional, decidiu produzir em 1991, a partir da leitura de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e buscou conhecer melhor o tema para adaptá-lo para o cinema, contando com mais de um ano de filmagens e quase cinquenta mil personagens, e teve a colaboração de diversos moradores, intelectuais, inclusive de Antônio Olavo.

O cineasta já teve contato com o sertão nordestino, através de suas filmagens de *Lamarca* (1994) e *Doida Demais* (1989), o que não foi problema para ambientação, e percorreu o sertão baiano atrás de museus, bibliotecas e depoimentos pessoais, fortalecendo as versões sobre os acontecimentos da guerra, e buscou investir na força da mulher nordestina, pautada na personagem

⁷⁹ OLAVO, A. Entrevista. In: **Os Intelectuais e Canudos: O Discurso Contemporâneo**. Salvador: UNEB, 2001. p.156.

filha de Zé Lucena, protagonista do filme, demonstrando a capacidade do sertanejo de modificar determinadas situações e sobreviver em meio às dificuldades.⁸⁰ O filme foi lançado em 1997, tendo uma repercussão de nível internacional, alcançando as salas de cinema de todo o país.

As intervenções tanto de Antônio Olavo e de Sérgio Resende são importantes para compreender como determinados grupos ou indivíduos se apropriam de determinados significados da memória de uma comunidade, neste caso da memória de Canudos. Do ponto de vista da pesquisa, ambos procuraram se envolver com o tema, a partir de depoimentos de moradores, bem como de pesquisadores envolvidos com a cidade e sua história.

Esta memória de certa forma é apropriada e reinventada, sendo lançada em espaços que ainda eram desconhecidos do grande público. Esta divulgação da memória canudense é o principal fator que um possível redimensionamento de seus significados, abrangendo espaços públicos em rede nacional, traz colaborando para que a sociedade como um todo possa compreender em grande parte os valores, as crenças e a vida da comunidade de Canudos e sua importância como detentores de um passado extremamente importante para a história do país na atualidade.

Este conjunto de esforços teve dois momentos simbólicos: o ano de 1993 que se comemorou o nascimento da comunidade de Bello Monte, por Antônio Conselheiro e 1997, ano do Centenário da guerra, como marco simbólico dos festejos nacionais e da reflexão histórica sobre Canudos, que envolveu grande parte da sociedade civil e de setores do governo.

Estes marcos simbólicos que celebram respectivamente, a fundação do vilarejo de Belo Monte por Conselheiro e o fim do conflito de Canudos são espaços simbólicos que por um lado, exaltam a força do sertanejo como um sujeito capaz de sobreviver mesmo em condições difíceis, como o problema da terra, condições climáticas, e por outro lado, um ponto de questionamento tanto da memória que outrora se instituiu, fazendo silenciar muitos sujeitos da sociedade de Canudos e visitar a historiografia e os discursos que se produziram sobre Canudos, pois neste momento se fizeram ouvir aqueles que estavam à margem deste processo.

Esses movimentos apesar de movimentarem diversos interesses sociais e políticos na região, não resolveram as grandes diferenças que marcam o local, como a questão agrária, a falta de recursos, dentre outras dificuldades, mas por outro lado, conseguiu articular determinadas forças para que essa problemática seja questionada, como a criação

⁸⁰ RESENDE, S. Entrevista: A filmagem de Canudos. In: **Revista Olho na História**, n. 03, Salvador: UFBA, 1997. p. 26.

de sindicatos, a mobilização social através de grupos religiosos, que buscam ações no sentido de concentrar esforços na resolução de seus problemas mais urgentes, assinalando que ainda grande o caminho a percorrer.

Como a foto 18 demonstra a precariedade das habitações rurais, pode-se notar que a elite política ainda não participou ativamente do debate sobre as questões que afetam o desenvolvimento social e econômico da região, ou se participou, como vemos no caso da Secretaria do Turismo do Estado da Bahia, e determinada instância, sempre esbarra na falta de investimento e recursos oriundos das esferas políticas, esta memória legitimada ainda não problematiza a realidade ao lidar com os problemas do sertão, como no caso da seca.



Foto 18: Pequeno sítio rural, típico na região de Canudos, detalhe para a simplicidade da moradia e a vegetação bastante esparsa nos períodos de estiagem. Acervo do autor. 2004.

Assim, abre-se um campo para que determinados grupos sociais engajados possam discutir diversos problemas que sempre afetaram os moradores da região, como a questão da grande concentração de terra nas mãos dos coronéis, como fizera os movimentos dos trabalhadores rurais e sindicatos rurais, além da Pastoral da Terra; puderam questionar até certo ponto a questão da falta de investimentos dos setores públicos, além de chamar a

atenção para a importância histórica de Canudos (conseguiram, por exemplo, a criação de museus, um parque, etc), para que de certa forma pudessem preservar sua memória.

Estes dois marcos podem ser compreendidos como a constituição destas memórias, que se destacaram no cenário nacional pela luta por igualdade social e pela tentativa de reescrever Canudos como símbolo de resistência, sendo que em 93 os movimentos sociais ligados à terra e a pastoral reivindicaram a memória de Canudos nesta luta de organização política, e em 97, foi realizado um grande debate mais voltado para a história de Canudos e para seu conflito, ambas importantes para repensar a cidade no cenário nacional, quer pela sua história ou pela sua memória, como ressalta Sales:

Em releituras significativas sobre Canudos poderiam ser relacionados campos diferentes e confrontos, com alguns pesquisadores que são comprometidos com a problematização da história e da memória considerada oficial, e outros pesquisadores que não o são. Este conjunto, de registro de autores, com perspectivas diferentes e diversas temporalidades, expressa um embate existente nas próprias experiências destes, nos modos de vida e de concepção de mundo que estavam e estão em permanente conflito. Neste sentido, constitui um desafio entender as diversas interpretações sobre esse acontecimento, posto em discussão em diversos setores da sociedade, tais como a Academia e a Igreja, e como estas mudanças ocorrem ao longo dos anos, construindo assim, um mosaico de análises e reelaborações, em um campo repleto de tensões, onde estão presentes recordações pessoais, bem como institucionais. Ressalta-se a importância da realização com a bibliografia a respeito de Canudos, que, a partir do centenário teve outra visibilidade, contribuindo, assim, para o enriquecimento dessa temática.⁸¹

A partir de uma reflexão deste momento sobre o debate sobre a história e a memória de Canudos, que abrangeu uma parte considerável dos movimentos sociais, religiosos e acadêmicos e até institucionais, de diversos interesses, pode-se constatar que de certa forma reconstitui a memória local e mobiliza seus componentes dentro de uma relação passado-presente.

Quando estes movimentos começaram seus trabalhos, a partir de 1980, com religiosos ligados à teologia da Libertação, ainda pouco se falava de Canudos ou de sua história, de certa forma era proibido, no dizer de alguns moradores.⁸² Portanto, percebe-se que se abre um hiato

⁸¹ SALLES, Telma B. **Canudenses na cidade de São Paulo: Memórias e Experiências (1950 – 2000)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: PUC – SP. São Paulo: 2006.

⁸² O depoimento de José Alôncio, registrado no trabalho de Telma Sales, demonstra esse receio que os moradores tinham em falar devido ao silêncio imposto pela Ditadura Militar, após 1964: “Até meus treze anos

histórico em que as memórias da cidade ficam como que silenciadas, devido ao fato que qualquer manifestação contrária a ordem instituída pelos militares era considerada contravenção penal. Mas essas memórias sobreviveram em meio ao discurso particular, ao pé do ouvido, de geração para geração, dissimulada, acanhada em meio ao espaço público.

A tradição oral conseguiu transmitir essa memória como linguagem, e que pós 1980, foram ouvidas, interpretadas, mobilizadas para que ganhassem terreno no sentido de dar à história de Canudos uma identidade mais positiva com relação aos seus moradores, demonstrando que o nordestino não é um “fanático”, ou simplesmente “jagunço”, numa visão mais genérica herdada nos tempos de Euclides da Cunha, mas um sujeito social consciente de seu passado e das lutas do presente.

Neste sentido, Sales coloca os movimentos que articularam a memória de Canudos como integrantes e agentes destas memórias em confronto, uma vez que delas participam e compartilham, tomando-as como próprias e reiventando-as em prol da comunidade em geral:

Estas maneiras de interpretar a história de Canudos vêm à tona e demonstram que há uma disputa de memórias e cada uma dessas interpretações e formas, expressam outras memórias, muitas vezes até então silenciadas. Vários atores e personagens são parte ativa deste processo de constituição de uma memória social. A Igreja com suas romarias, o trabalho pastoral social reavivando os trabalhos das comunidades de base; o cineasta que compõe um documentário com a imagem dos familiares e remanescentes da guerra; a universidade, flexível à construção do saber além dos muros acadêmicos, realiza debates envolvendo a sociedade civil, recriando saberes e produzindo conhecimento plural.⁸³

Há desse modo, reinterpretções do processo histórico a partir de novos olhares e vestígios do passado, possibilitando novas leituras da história e constituindo uma “novas” memórias, não apenas vista de fora, mas compartilhada com os moradores sujeitos herdeiros do passado em comum; e outra: consolidada no corpo a corpo com os moradores, articulando esforços para que os canudenses tivessem uma outra percepção de si mesmos, numa relação de construção do conhecimento histórico pautado nas trajetórias, na cultura de resistência à desigualdade social.

Esta última incorpora os depoimentos, saberes, gestos e uma série de elementos lingüísticos, imagéticos e imaginários que são resgatados pela História enquanto conhecimento acadêmico, bem como outras especialidades da Universidade, interessadas em desenvolver uma atividade de reconhecimento de grupos e comunidades que num passado foram excluídas do campo

meus avós não passavam a história de Canudos porque ninguém falava. Era negócio meio proibido. Falar de Guerra, de Conselheiro, era contravenção.” in: SALES, Telma B. **Op. cit.**, p.129.

⁸³ SALES, Telma B. **Op. cit.**, p.134.

de disputas pela memória, foram marginalizadas. Estas atividades fazem parte deste processo de reconstituir e reinterpretar as memórias de Canudos, tendo a década de 90 como momento de abrangência maior desta memória no cenário nacional.

É de importância vital que o historiador compreenda de que sujeitos fala, como está escrevendo e para quem, que, nesse caso, são os moradores, familiares e descendentes de Canudos, que imaginaram e compartilharam, mesmo que indiretamente, das experiências junto a Conselheiro ou das tragédias do massacre, e também das (re)construções que a cidade passou ao longo de sua história. Seja por se identificarem como sobreviventes à precariedade de vida e luta pela terra, seja pela luta por pertencimento social.

Neste contexto, compreender a *noção de pertencimento*⁸⁴ que ressalta Sales. Partindo de seu estudo sobre os moradores de canudos que de lá saíram em busca de melhores condições sociais em São Paulo, ela demonstra através de depoimentos que uma “sensação de vazio” ou “sensação de não pertencimento” dos canudenses em São Paulo, como que deslocados de suas origens nordestinas, enquanto que os moradores que permaneceram em Canudos têm essa sensação resolvida pela constante relação com seu passado, como por exemplo, através do relacionamento com pais e avós dos primeiros moradores da comunidade.

Embora sugerido nos estudos de Sales que as memórias se encontram fragmentadas, divididas em diversas partes e em constante confronto, conforme as observações de Alessandro Portelli sobre as experiências sociais e os significados do vivido⁸⁵, elas articulam dentro dos grupos sociais os significados que são socializados e aceitos entre si, em que os sujeitos encontram referências que os orientam quanto às práticas culturais do presente.

Aliás, Portelli compreende que o vivido e experimentado somente são revividos em meio aos grupos por interpretações que fazem dos mesmos, numa constante relação passado-presente, onde a memória se transforma em um constante “norte” que é revisitado para que os sujeitos contextualizem suas ações do presente.

A memória neste contexto deve ser compreendida por uma memória plural, que ao mesmo tempo é influenciada pelo indivíduo e pela coletividade, onde o vivido e o experimentado íntima e coletivamente é socializado entre os presentes, consolidando e dando aos sujeitos esta noção de pertencimento ao grupo que o cerca e que lhe dá suporte material e simbólico de existência.

No caso de Canudos, os moradores se afirmam portadores de memórias do lugar e sujeitos de sua história, capazes de organizarem e articularem socialmente modos de viver, utilizando essas memórias para seus interesses e resignificando seu pertencimento social.

⁸⁴ SALES, Telma. Op.cit. p.44.

⁸⁵ PORTELLI, Alessandro. As Fronteiras da Memória: O Massacre das fossas Adeartinas: História, mitos, rituais e símbolos. In: **História & Perspectivas**, Uberlândia: EDUFU, n. 25/26, jul/dez 2001, jan/jun 2002.

Eu vou lhe contar uma história e depois você vê se ela é comprida ou é curta. E tem outra coisa: se depois você quer fotografar, ou alguma coisa a gente primeiro faz o rascunho, e depois se você quiser filmar nos vamos juntar... Meu avô lutou em Canudos e eu fui criado por ele. Ele era conhecido como o "rei da escopeta", devido a sua pontaria certa. Ele contava muitas histórias sobre a guerra de Canudos, e repetia uma frase que os outros lhe diziam: "Serafim, você matou muita gente". Ao que ele contestava: "que nada, só dei uns tirinhos".⁸⁶

A constante referência aos antepassados é uma forma que os canudenses têm para evocar sua memória, compartilhando com aqueles que buscam apropriá-la, compreende-la enquanto processo socialmente construído, e lança-la ao espaço público, como fizeram os movimentos sociais, religiosos e intelectuais que estiveram envolvidos.

Mesmo não tendo participado diretamente do conflito ou não pertencer aos remanescentes da antiga Canudos, os envolvidos nestes movimentos também são considerados constitutivos destas memórias, e são imprescindíveis na construção das mesmas, e durante a década de 90 se afluíram e desmistificaram a visão de uma Canudos vencida e passou a ser uma Canudos vencedora, que não perdeu suas referências frente ao silêncio que se viam forçada durante um determinado período de tempo.

Através deste processo, as memórias saíram da dimensão local e ganhou espaço nacional, num amplo esforço de quebra dos tabus historicamente construídos. A *urbs mostruosa* da narrativa euclidiana cedeu espaço para uma cidade politicamente consciente de sua importância histórica; os "fanáticos jagunços" cederam espaço para os bravos sertanejos do interior baiano, que lutam por seus interesses frente a gritante desigualdade social que marca o Brasil até os dias atuais.

Em certa instância, esta apropriação das memórias de Canudos possibilitou uma politização de alguns setores da comunidade, organizando os trabalhadores em sindicatos, organizações não governamentais de luta pela terra e pela cultura local, dentre outras formas de mobilização social em prol dos seus próprios interesses, incorporando valores que foram silenciados e associando significados que fazem de Canudos um exemplo de luta contra a miséria e a exploração humana.

⁸⁶ SALES, Telma B. **Op. cit.**, p.136.

CONCLUSÃO:

Neste estudo buscamos dialogar com as memórias instituídas sobre Canudos, compreendendo que o campo das memórias é um espaço plural, repleto de contradições e ambigüidades, mas que determinados significados foram e são pertinentes a um amplo debate no cenário nacional, tal como ocorreu nos momentos simbólicos dos Centenários de Canudos, em 1993 e 1997.

O movimento de investigação e contato com as fontes e autores conseguiu em determinadas instâncias, fazer com que determinadas evidências que até então estavam silenciadas, como que apagadas neste campo de disputa pela memória, viessem à tona como memórias plurais de grupos que estavam marginalizados e em busca de seu pertencimento e melhores condições de vida. Auxiliando-me no processo de identificação destes sujeitos como construtores de sua história, valorizando-os enquanto cidadãos.

Atualmente, grande parte da população canudense se articula em torno desta memória, até como meio de vida, garantindo o sustento com o turismo que é exercido na região, auxiliando de alguma forma as caravanas de estudantes, pesquisadores e demais pessoas do todo o Brasil que lá visitam.

Por outro lado, longe de esgotar as discussões entre a memória e a história de Canudos, este trabalho se propôs a refletir sobre apenas alguns de seus vértices, abrindo novos olhares e perspectivas sobre o tema em discussão, e que, com certeza, através desta e outras produções sobre Canudos, novas inquietações irão surgir, demonstrando que o tema está longe de se completar do ponto de vista historiográfico.

A relação entre Canudos e a pesquisa se tornaram, portanto, mais próximas, a partir do momento em que me propus conhecê-la melhor, aproximando das sensibilidades e das vivências que foram experimentadas ao longo deste período de visita e pesquisa.

O que fica é a vontade de colocar cores nessa visão recortada e distante sobre Canudos a tentativa foi aproximar essa discussão do nosso cotidiano e dialogar com seu passado, seus vivens do presente e perspectivas futuras.

BIBLIOGRAFIA:

- AMORIM, José A. **Canudos: Trincheira da Liberdade**. Canudos: Bahia, 2003.
- AREVALO, Maria C. M. **Lugares da Memória ou a prática de preservar o invisível através do concreto**. Texto inicialmente apresentado no I Encontro Memorial do Instituto de Ciências humanas e Sociais – Mariana / MG, 9-12 de novembro de 2004. disponível no site: <http://www.anpuh.uepg.br/historia-hoje/vol3n7/marcia.htm>, acesso em 23 de Janeiro de 2007.
- BARBOSA, Rui. Terminação da Guerra de Canudos. In: **Obras Completas**. V. 24 T 1 1897 pág. 299-304 Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1971.
- BLOCH, March. **Os reis taumaturgos**. Rio de Janeiro, Cia. das Letras, 1993.
- CALASANS, José. A Guerra de Canudos na Poesia Popular. In: **Canudos: Palavra de Deus, Sonho da Terra**. ABDALA Jr. B. & ALEXANDRE, Isabel M. M.(organizadores). São Paulo: Ed. SENAC, 1997. p. 149-160.
- CARVALHAL, Juliana P. Maurice Halbwachs e a questão da memória. In: **Revista Espaço Acadêmico**, n. 56, janeiro de 2006.
- CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. São Paulo, Ed. Nova Cultural, 2002.
- GIUMBELLI, Emerson. **Religião e (Des)Ordem Social: Contestado, Juazeiro e Canudos nos Estudos Sociológicos sobre Movimentos Religiosos**. Dados [online]: 1997, vol. 40, nº 2. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581997000200004&lng=en&nrm=isso, acesso em: 09 de nov. 2006
- FONTANA, Mônica. **Sebastianismo em Pernambuco, Memória dos Movimentos da Serra do Rodeador e Pedra do Reino**. Pernambuco: CESBAM. 2005.
- HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.
- HOGGART, R. **As utilizações da Cultura: Aspectos da Vida Cultural da Classe Trabalhadora**. Lisboa: Presença, 1973.

LACERDA, Rodrigo. Sobrevoando Canudos. In: **Canudos: Palavra de Deus – Sonho da Terra**. ABDALA Jr. B. & ALEXANDRE, Isabel M. M.(organizadores). São Paulo: Ed. SENAC, 1997.

MAESTRI, Mario. **Bacamarte versus Comblain: Apontamentos sobre a historiografia da República Sertaneja de Belo Monte**. Artigo retirada da Revista Eletrônica Portfolium: www.portfolium.com.br/artigos, acesso em 25 de Novembro de 2006.

_____. **O Sertão Prometido: O massacre de Canudos**. Texto disponível na Revista Eletrônica Portfolium: www.portfolium.com.br/artigos , acesso em 13 de Dezembro de 2006.

LEONARDIS, Bárbara. Messianismo na Caatinga. In: **Canudos: Palavra de Deus, Sonho da Terra**. São Paulo: Ed. SENAC, 1997.

MELLO, Roberto H. **Canudos, uma Tragédia Brasileira**. Texto disponível na Revista Eletrônica Portfolium: www.Portfolium.com.br/artigos , acesso em 19 de Outubro de 2006.

NETO, Manoel. DANTAS, Roberto. **Os Intelectuais e Canudos**. O Discurso Contemporâneo: História Oral e Temática. Salvador: UNEB, 2001.

_____. **Tempo de Pensar, Tempo de Contar**. Caderno do CEAS, número especial. 1997.

NEGRÃO, Lisias N. Revisitando o Messianismo no Brasil e Profetizando seu Futuro. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol.16 nº 46, RBCS, 2001.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP. Nº 10, p. 12. 1993.

PAES, Fabio. O Resgate dos Aspectos Culturais da Historia de Canudos Através da Musica e Poesia Populares. In: **Revista Contraponto**. UCSAL, novembro de 1998.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos**. Vol.2, nº 3, Rio de Janeiro, 1989.

PONCIO, Denise Santos. **Historicizando Canudos**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense. 2004.

RESENDE, S. Entrevista: A filmagem de Canudos. In: **Revista Olho na História**, n. 03, Salvador: UFBA, 1997.

ROSSI, Waldemar. A Teologia da Libertação e a Transformação do Mundo. In: **Revista Espaço Acadêmico**, Ano II, nº.17. Outubro de 2002. ISSN: 1519.6186. São Paulo, SP. 2002.

SÁ, Antônio F. A. de. Canudos Plural: Memórias em Confronto nas Comemorações dos centenários de Canudos (1993/1997). In: **Revista de Pós-Graduação em História da UNB**. Brasília: Departamento de História, UNB, 1998.

THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

VENEU, Marcos G. A Cruz e o Barrete: Tempo e História no Conflito de Canudos. In: **Revista Religião e Sociedade**. Nº. 13. Rio de Janeiro, PUC- RJ. Julho de 1986.

VENTURA, Roberto. Canudos como cidade iletrada: Euclides da Cunha na urbs monstruosa. In: **Revista de Antropologia**. São Paulo, vol.40, nº1, 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003477011997000100006&lng=es&nrm=isso, acesso em: 09 nov. 2006.